

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DÉBORAH KAISER

O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE

Monografia apresentada como
requisito parcial para conclusão do
Curso Licenciatura em Educação
Física, do Departamento de
Educação Física, Setor de Ciências
Biológicas, da Universidade Federal
do Paraná.

CURITIBA
2006

DÉBORAH KAISER

O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

RUTH EUGENIA CIDADE

À Deus, meu amor maior, minha razão de viver, meu tudo, porque “numa terra deserta Ele *me* encontrou, numa região árida e de ventou uivantes. Ele *me* protegeu, e de *mim* cuidou; guardou-~~me~~ como a menina dos Seus olhos” (BÍBLIA).

AGRADECIMENTOS

À Deus, que guiou os meus passos em todos os momentos, me fazendo caminhar sempre em cima da rocha. A Ele por ter sido a minha força quando eu estava fraca; por ter me levantado quando eu caí; por ter feito surgir água em meio ao deserto, me permitindo ver flores pelo caminho; por ter feito o sol brilhar em minha vida quando tudo parecia noite; por ter sido meu abrigo em dias de tempestade; por não ter me deixado desistido de viver; por ter me carregado no colo quando eu já não sabia mais caminhar; por ter cuidado de mim como um pai cuida da menina dos Seus olhos, e por me amar sempre. Deus eu Te amo!

À minha família, que desde quando eu nasci cuidou para que eu andasse nos caminhos de Deus, por ter me dado momentos de alegria, e por ter me permitido crescer com os momentos de dificuldades, o que me fez mais forte, força esta necessária para que eu chegasse até aqui.

À Ruth, que já desempenhou vários papéis, primeiro o de professora, uma professora fascinante, que compartilhou o seu conhecimento sem reservas; o de amiga, com quem eu dei muitas risadas e também já chorei; o de mãe, que sempre esteve ao meu lado quando precisei, pronta para me escutar, me aconselhando em muitos momentos, abusando da franqueza dizendo o que devia ser dito, sem deixar de lado a delicadeza de uma princesa. Por ter confiado e sempre acreditado em mim (quando eu mesma não acreditava), não me deixando desistir, mas antes me mostrando qual caminho eu deveria seguir.

Às minhas amigas Cami, Fer, Jana, Juh e Shi. Cada uma de vocês representa somente um ponto no universo, mas juntas dão forma a uma estrela, cujo brilho me atrai para perto. Neste período que passamos juntas já enfrentamos as situações mais diversas, já demos gargalhadas, já nos sentimos em paz mesmo no meio de uma guerra (nas provas, nos seminários...), já rimos uma das outras, já nos preocupamos uma com as outras, já fomos motivos de risada, enfim, o que fica agora são os melhores momentos e a certeza de que essa amizade já ultrapassou os limites da razão.

Aos demais amigos. Àqueles que me conhecem há anos e que durante este período me chamavam para sair, mesmo sabendo que iam receber um não como resposta, e mesmo assim permaneceram ao meu lado, sendo o meu apoio quando eu, já exausta, não conseguia caminhar por mim mesma. Àqueles que estiveram comigo somente nesta etapa final, me incentivando a todo momento, me dando força e mostrando a mim mesma do que eu era capaz. Vocês, apesar do pouco tempo em que passamos juntos, me fizeram perceber que o importante não é a quantidade de tempo que passamos juntos, mas a qualidade e a intensidade com que vivemos cada um deles, o que torna esses momentos inesquecíveis, e vocês incomparáveis.

A todos vocês que tornaram possível a realização deste sonho. Muito obrigada!

RESUMO

O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE

O esporte é uma atividade que foi criada originalmente para os homens. As mulheres sempre tiveram que lutar para conseguir um espaço no mundo do esporte. Um episódio histórico que pode ser visto como um marco para a maior participação da mulher na sociedade foi a Revolução Francesa, no qual as mulheres saíram às ruas reivindicando melhorias. Outro marco foi o renascimento dos Jogos Olímpicos (com características dos Jogos da Antiguidade) em 1889, no qual as mulheres foram inicialmente proibidas de participar sob o argumento de que o esporte exaltava somente as características masculinas. Gradativamente isto começou a mudar quando as mulheres começaram a sair de suas casas para trabalhar (período da revolução industrial e também do surgimento do esporte moderno), porém sem deixar de lado os afazeres domésticos e o cuidado com a família. O afrouxamento das convenções permitiu à mulher uma maior liberdade de movimentos, o que motivou sua inserção, ainda que tímida, no mundo esportivo. Mesmo com as mulheres tendo alcançado o direito de praticarem esporte (direitos discutidos pelo Grupo Internacional de Trabalho sobre a Mulher), ainda hoje se encontram muitos impedimentos, inclusive o preconceito e a discriminação, como no caso do futebol, que mesmo sendo o esporte mais popular do mundo ainda é considerado uma área de reserva masculina.

Palavras-chaves: esporte moderno, mulher, futebol feminino.

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	v
2. INTRODUÇÃO.....	1
OBJETIVOS.....	4
2.1.2 Objetivo geral.....	4
2.1.3 Objetivos Específicos.....	4
2.1.4 Metodologia.....	4
3. O SURGIMENTO DO ESPORTE MODERNO.....	6
4. O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE.....	21
4.1 A INSERÇÃO DA MULHER NO ESPORTE.....	27
4.2 A AÇÃO DE ORGANISMOS INTERNACIONAIS.....	31
5. O FUTEBOL.....	36
5.1 O FUTEBOL FEMININO.....	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
7. REFERENCIAS.....	49

2. INTRODUÇÃO

Desde o princípio, as mulheres tiveram que se esforçar para ter um pé no mundo do esporte. Isso pode ser visto, por exemplo, através da ainda dominante presença masculina no esporte e da menor exposição das mulheres (MARIAS, 1981 citado por CIDADE, 2005). As mulheres têm menos acesso a um largo espectro de oportunidades sociais em comparação com os homens, inclusive no esporte, é o que afirma Devide (2005). Ele explica também que “o esporte enfatiza as características masculinas, e simultaneamente excluem as características femininas (em relação à cultura social), e enquanto continuar assim as mulheres não terão oportunidades e não serão vistas como femininas no esporte”.

“Nas últimas duas décadas têm se dado mais importância às experiências das mulheres no esporte, mas isso tem acontecido sob metodologia e conceitos masculinos, o que faz com que a história seja distorcida em muitos aspectos” (DEVIDE, 2005). Mas nem sempre foi assim. Este mesmo autor nos diz que na “Antigüidade as mulheres participavam ativamente das decisões que tinham influências sobre sua vida, e também participavam de esportes, muitas vezes contra os homens. O esporte era considerado parte da educação das mulheres e meninas, tanto em Esparta quanto em Creta”, e com a emancipação, às mulheres foi dado o direito de participarem de jogos, antes destinados apenas aos homens. Ao mesmo tempo em que isso acontecia existiam os jogos nos quais era vedada a participação masculina, inclusive para assistir.

O barão, Pierre de Coubertin, apresentou uma proposta para renovação dos jogos Olímpicos em 24 de junho de 1894, os jogos olímpicos se iniciaram em 776 a.C. e foram interrompidos em 393 d. C, mas somente em 1910 foi cogitado a presenças das mulheres nas competições de natação. O barão era contra a inserção das mulheres nos jogos, apoiando a crença existente de que as mulheres tinham como papel fundamental a reprodução, e não intelectuais e/ou físicas (DEVIDE, 2005).

Um grande fator que auxiliou na mudança da posição social na qual as mulheres se encontravam foi, segundo Hobsbawn (1988; p. 288): “a maior liberdade de

movimentos adquirida por elas, dentro da sociedade, tanto em seu próprio direito como pessoas quanto nas suas relações com os homens”. Hobsbawn tenta explicar como se deu a saída das mulheres do interior de suas casas até a conquista de uma maior liberdade, inclusive a liberdade de movimentos. Como exemplo é citado a bicicleta, ‘máquina de liberdade’, que de acordo com ele mesmo “emancipou mais a mulher que os homens, já que ela tinha mais necessidade de liberdade de movimentos” (idem, p. 289).

“Na revolução francesa, foram as mulheres de Paris que marcharam sobre Versalhes, a fim de expressar ao rei a exigência do povo de que fossem controlados os preços dos alimentos” (HOBSEBAWN, 1988; p. 282). Para Devide (2005), a “França foi um país que teve grande importância para a difusão dos jogos pelo mundo, isso aconteceu através de Alice Milliat, que fundou a Federação Esportiva Francesa Feminina (Feff) e mais tarde a Federação Esportiva Feminina Internacional (Fefi), em 1921, com o apoio de outros países”. Essas fundações tinham como objetivo principal apoiar a inserção das mulheres no esporte, o que traria grandes benefícios como, por exemplo, a promoção da saúde e a contribuição para a paz mundial. A Fefi se dissolveu em 1938, quando as provas femininas foram pouco a pouco incluídas nos Jogos Olímpicos (CARRILLO, 2000 citado por CIDADE, 2004).

“Em 1995, criou-se o Grupo de Trabalho ‘Mulher e Esporte’, buscando a inserção de um maior número de mulheres; na busca da igualdade e equidade de gênero no programa olímpico” (DEVIDE, 2005; p. 122). Deste então, “são os Organismos Internacionais que atualmente tratam das questões da mulher no esporte. São agrupamentos de pessoas em configurações, com a sua dinâmica e conformidades, com o intuito de orientar, sistematizar e regular as ações e, principalmente, ocupar e consolidar o espaço legitimado.” (CIDADE, 2004).

“O esporte ‘moderno’ desenvolveu-se a partir do século XVIII em estreita relação com o desenvolvimento da sociedade capitalista inglesa. Esta por sua vez, desenvolve-se enquanto forma específica do que mais genericamente denomina-se sociedade moderna” (BRACHT, 2003, p. 98).

O ideal do amadorismo, que reunia classe média e nobreza, concretizou-se em 1896, nos primeiros Jogos Olímpicos da época moderna. Realizados em Atenas, seguindo a tradição cultural dos jogos, somente os homens competiram. A participação feminina foi admitida formalmente em 1900, nos Jogos Olímpicos de Paris, em que 19 mulheres competiram em dois esportes – o golfe e o tênis (OLYMPIC, 2003 citado por CIDADE, 2004).

No final do século XIX e início do século XX, mulheres que praticavam esportes considerados categoricamente inaceitáveis como o rugby, o boxe e o hockey, isto é, esportes que ainda são tidos como inapropriados para mulheres, provavelmente estavam conscientes da idéia então dominante da implicação entre modalidade e masculinização. Caso se tornassem feministas ou não, estariam deliberadamente se posicionando contra os ideais contemporâneos de então (contra o acordo e aprovação social), quanto a feminilidade (CIDADE, 2004;2005).

A relevância deste estudo é justificada quando procuramos encontrar, nos mais diversos meios de comunicação, quais foram os avanços que as mulheres alcançaram na participação no mundo esportivo, deste o surgimento do esporte moderno, bem como levar os leitores a refletirem os mais variados motivos que um dia deixaram as mulheres fora de determinadas práticas esportivas, e porquê, até os dias de hoje, em plena sociedade moderna, é possível encontrar resistências da inserção das mulheres em vários esportes, ainda vistos como um reduto onde se preserva as características masculinas.

Seguindo esse caminho, a questão que pretendemos investigar é: a partir do surgimento do esporte moderno, como se deu o envolvimento da mulher no esporte?

2. 1 OBJETIVOS

2.1.2 Geral

Investigar como ocorreu o envolvimento da mulher no esporte a partir do surgimento do esporte moderno.

2.1.3 Objetivos Específicos

Pesquisar e analisar o surgimento do esporte moderno.

Investigar de que forma aconteceu o envolvimento da mulher no esporte moderno.

Analisar como ocorreu a participação feminina no futebol.

2.2 METODOLOGIA

Para este estudo realizamos uma revisão bibliográfica. Primeiramente, procuramos explicar como ocorreu o surgimento do esporte moderno, suas características, o caminho percorrido para que ele se tornasse o que chamamos de esporte moderno, suas semelhanças com a sociedade industrial capitalista e suas funções na atual sociedade. Para entendermos a constituição desse fenômeno, chamado esporte moderno, nos baseamos principalmente no livro *Esporte - história e sociedade* que apresenta vários autores que apontam os significados que o esporte assumiu na sociedade moderna.

Depois abordamos o envolvimento da mulher no esporte, buscando entender por que foi tão difícil a aceitação, pela sociedade, da prática esportiva pelas mulheres. Ao mesmo tempo investigamos como a mulher chegou à posição que ocupa hoje na sociedade, quais foram os principais marcos deste acontecimento e os papéis desempenhados pelos organismos internacionais. Começamos abordando como era a vida da mulher na sociedade dos séculos XVIII e XIX, suas limitações (impostas muitas vezes pelos homens e outras vezes pela tradição social), sua trajetória para sair de casa e conseguir direito à “palavra”, bem como suas conquistas com a chegada da modernidade dentro das casas, alcançando mais tarde a vida social e pública. Usando

como um dos livros bases o *Gênero e Mulheres no Esporte – história das mulheres nos jogos olímpicos modernos* discutimos a inserção da mulher no esporte, a participação dela nas olimpíadas e a consolidação das mulheres no esporte de alto nível, chegando a ocupar cargos no Comitê Olímpico Internacional (o que antes era impossível de imaginar). Finalizando esse capítulo nos direcionamos aos organismos internacionais que foram criados para facilitar a inserção da mulher no esporte e garantir que todas as mulheres tenham o direito de praticar atividade física em um lugar com o respeito dos outros praticantes. Voltamos o olhar para a Declaração de Brighton, pois a partir dessa Declaração houve grandes desdobramentos no esporte.

Por último, estudamos um esporte que até os dias de hoje ainda está sob o domínio dos homens, o futebol. Mesmo depois de tantas lutas e conquistas as mulheres que optaram por praticar esse esporte acabam por sofrer uma série de preconceitos e discriminação, são muitas vezes alvos de piadas, que apresentam em seu conteúdo matérias depreciativas e ofensivas, que acabam por colocar em dúvida a feminilidade e performance da mulher dentro de campo. Como uma base teórica para o estudo utilizamos diversas bibliografias, entre as quais encontramos os livros *Uma História do Futebol*, para relatarmos o surgimento e trajetória desse esporte que hoje é dito como o esporte mais popular praticado no mundo; *Futebol e sociedade* e *Futebol, Cultura e Sociedade*, ambos livros que trazem um pouco da história do futebol, suas características, fundamentos que nos explicam porque o futebol é hoje um esporte mais praticado por todo o mundo, as características da sociedade que encontramos representadas dentro do jogo e também o futebol como área de reserva masculina, o que até os dias de hoje é uma resistência para a prática dessa atividade física em que ao mesmo tempo é a mais popular praticada pelos homens e a que mais resiste em permitir que mulheres pratiquem essa modalidade esportiva.

3. O SURGIMENTO DO ESPORTE MODERNO

O esporte moderno é visto na historiografia como o resultado de um processo linear de desenvolvimento. Quando se fala em esporte moderno é comum fazer uma referência aos jogos gregos antigos, que ocorriam em Olímpia. Acredita-se que existe uma continuidade entre as práticas corporais que ocorriam na Grécia e as que hoje conhecemos como esporte (BRACHT, 2003).

Para entendermos o nascimento do esporte moderno e suas características temos que juntamente entender o processo de industrialização, os aspectos econômicos, políticos e culturais da sociedade na qual ele surgiu, bem como entender a própria sociedade e o indivíduo, que dela faz parte. Para entender o indivíduo e a sociedade devemos estar cientes de que estes termos (indivíduo e sociedade) existem enquanto níveis diferentes, porém inseparáveis. O entendimento destes termos só será possível quando deixarmos de querer entender um e outro separadamente e buscar compreender suas relações e funções (ELIAS citado por CIDADE, 2004).

A questão específica do esporte e do lazer foi estudada por Dunning e Elias. Eles indicaram que “à medida que o processo civilizador avançava, as práticas esportivas e de lazer tornavam-se também mais controladas, menos violentas e mais regradas” (GEBARA, 2002, p. 23). Este autor nos afirma ainda que para entender o pensamento de Dunning e Elias devemos aceitar que o processo civilizador teve como importante propulsor os diferentes significados e formas do esporte moderno, ou seja, a história do esporte e do lazer é a história do processo de construção do comportamento e das instituições humanas, como o esporte moderno.

Essa civilização a qual se refere Dunning e Elias teve como importante responsável o crescimento da economia e o estabelecimento do Estado, que por sua vez dependeu do controle da violência e do monopólio dos impostos, que permitiu a constituição de uma paz interna (GEBARA, 2002). “Os esportes modernos desenvolveram-se, então, neste quadro de referências moldado por uma teoria que pretende tratar as pessoas em sociedade de maneira global” (idem, p. 21).

Lucena (2002) ao estudar os escritos de Elias procura entender a partir de que momento o esporte passou a ser relevante para a compreensão e composição das relações sociais existentes nos dias atuais. Segundo este mesmo autor, o esporte emerge como uma configuração, como réplica de novas relações sociais. Ele pode ser visto também como uma forma de autocontrole, representando respostas que dão formas anteriormente planejadas e de níveis distintos. O esporte tem como finalidade cumprir funções que em sociedades anteriores outras formas de lazer eram responsáveis por fazê-lo. Ao falar da teoria de Elias ele afirma que a mesma é

“pensada com base na estrutura da personalidade humana e nas mudanças do comportamento como produto de uma regulamentação e um controle dos afetos e impulsos que são cada vez mais internalizados, no sentido de uma disciplinarização do próprio indivíduo. Porém, ainda acrescenta Elias, essas mudanças não ocorrem apenas no íntimo de cada pessoa; elas estão ligadas também ao desenvolvimento das estruturas sociais” (LUCENA, 2002, p. 114).

Segundo Elias e Dunning (1992) o esporte traz consigo três aspectos que inter-relacionados contribuem de forma significativa para o aumento do significado do esporte. O primeiro é o fato de o esporte ser o principal promotor de excitação agradável; o segundo aspecto é a função que ele assumiu como sendo um modo de identificação coletiva; o terceiro é o fato de o esporte ter se transformado em um dos principais significados e fonte de sentido de vida de muitas pessoas.

Ao dizer que o esporte surge como uma configuração, Lucena (2002) explica que, esta configuração é o mesmo que inter-relações, que permitem às relações humanas fazerem parte do processo civilizador como um elemento de libertação, ou seja, seria encontrado nesse processo de relação formas aceitáveis de comportamento, seja controle social ou autocontrole individual.

Para Lucena (2002) as relações existentes entre as pessoas estão fazendo com que as diferenças regionais diminuam, isso se comparado com as diferenças a nível nacional. Esses relacionamentos, que trazem as características de cada indivíduo, é o que nos explica o surgimento, difusão e aceitação de práticas como o esporte, e ainda de diferentes esportes para grupos sociais distintos (SOUZA citado por LUCENA, 2002).

O esporte moderno, segundo Bracht (2003, p. 13), resultou de um processo de mudança, de “esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas”. Este mesmo autor infere que os jogos populares (que continham elementos da cultura corporal) tiveram o início de seu declínio aproximadamente em 1800, e isso porque o processo de industrialização e urbanização levou a novos modos de vida, modificando também os jogos.

A crescente evolução do esporte, a inserção da seriedade, fez com que as práticas corporais (os jogos) sofressem um declínio (HUIZINGA citado por DUNNING, 1992), trazendo uma separação entre amadorismo e profissionalismo. Nessa questão está presente também o conflito da sociedade capitalista, a relação capital/trabalho. As classes dominantes, burguesa e aristocrática, faziam uso do amadorismo para distinção social. Realizavam a prática esportiva simplesmente pelo prazer de participar, sem se preocupar com a finalidade. Com essas influências as organizações esportivas acabam adquirindo uma identidade, seus eventos esportivos passam a ser separados por ligas amadoras ou profissionais. Bracht (2003, p. 100) coloca que “não é difícil perceber por que sendo os jogos olímpicos modernos elaboração de um barão (o de Coubertin), estes vão assumir exatamente o ideal amadorista, que confrontava os interesses dos trabalhadores; instrumento de distinção de classe; exercício de violência simbólica”.

Hobsbawm e Terence citam alguns fatores que fazem parte da história social do esporte das classes altas e médias, o que nos ajuda a entender a importância do esporte para aquela sociedade (1984, p. 306-307):

“Em primeiro lugar, que as últimas três décadas do século XIX assinalam uma transformação decisiva na difusão de velhos esportes, na invenção de novos e na institucionalização da maioria, em escala nacional e até internacional. Em segundo lugar, tal institucionalização constituiu uma vitrine de exposição para o esporte, que se pode comparar (sem muito rigor, naturalmente) à moda dos edifícios públicos e estátuas na política, e também um mecanismo para ampliar as atividades até então confinadas à aristocracia e à burguesia endinheirada capaz de assimilar o estilo de vida aristocrático, de modo a abranger uma fatia cada vez maior das ‘classes médias’. O fato de que ela, no continente, restringiu-se a uma elite consideravelmente reduzida antes de 1914, não nos interessa aqui. Em terceiro lugar, a institucionalização constituiu um mecanismo de reunião de pessoas de *status* social equivalente, embora sem vínculos orgânicos sociais ou econômicos, e talvez, acima de tudo, de atribuição de um novo papel às *mulheres* burguesas.”

O esporte da classe média ajustava dois elementos da invenção da tradição, o político e o social. Por um lado buscava formar uma elite capaz de competir com os modelos aristocrático-militares, modelos estes mais velhos que eram combatidos por modelos mais inovadores, os britânicos. Por outro lado tentava excluir a massa das atividades direcionadas às classes média e alta, “principalmente pela ênfase sistemática no amadorismo como critério do esporte de classe média e alta” (ibidem, p. 309). O esporte representava também uma tentativa de estabelecer e desenvolver um novo estilo de vida burguês, com inovações no lazer, onde muitas vezes se buscava uma atividade que pudesse ser praticado por ambos os sexos e por pessoas de outras classes sociais menos favorecidas, um modo de ampliar os critérios de admissão em um grupo.

Além dessas representações acima citadas, segundo a UNESCO (citado por DEVIDE, 2005) o esporte é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade saudável, que tem em sua cultura padrões mais humanos que em sociedades anteriores. O esporte trabalha através da cooperação, o que diminui o comportamento destrutivo e anti-social antes comumente encontrados, envolvendo as pessoas em atividades que lhes tragam prazer e diversão, desenvolvendo assim uma identidade de grupo e ao mesmo tempo uma identidade nacional.

Em Gebara (2002) encontramos que o processo de esportivização teria início na Inglaterra, “justamente dada a forma pela qual se deu a formação do Estado, implicando um processo de autonomização de classes médias e altas em relação ao Estado”. Como resultado da difusão do esporte a partir da Inglaterra, houve uma expansão e crescimento considerável da burguesia, que a cada dia tinha sua identidade formada por membros que procuravam participar de algum esporte.

O desenvolvimento do esporte moderno ocorreu a partir do século XVIII, em intensa relação com o crescimento da sociedade capitalista inglesa, enquanto esta, por sua vez, desenvolveu-se a caminho da chamada sociedade moderna. (BRACHT, 2003). Um fator de grande importância para o surgimento do esporte moderno foi, além da revolução industrial e mudanças no comportamento social, o renascimento dos

Jogos Olímpicos. Isto ocorreu sobre a liderança do francês Pierre de Fredey, mais conhecido como barão Pierre de Coubertin (DEVIDE, 2005), que em 23 de junho de 1894 aproveitou a realização de um congresso para apresentar a proposta de restauração dos Jogos Olímpicos, o que veio a ocorrer em 1896, na cidade de Atenas.

No final do século XVIII muitos *gentlemen* acabaram participando cada vez mais dessas atividades (esportes), deixando de lado a prática apenas mediante apostas (ou por lazer). Muitos queriam participar das atividades mesmo depois de saírem das escolas e universidades, e visando oferecer o acesso ao esporte foi fundado em 1831 o primeiro clube que oferecia atividades esportivas (BRACHT, 2003).

O esporte é um produto da sociedade burguesa industrial, e vários fatores foram responsáveis pelo desenvolvimento do esporte moderno. Identificados por Brohm (apud GEBARA, 2002, p. 39) quatro desses fatores são:

- ✓ O aumento do tempo livre e o desenvolvimento do ócio (que ocupa um lugar de destaque na civilização do lazer);
- ✓ A universalização dos intercâmbios mediante os transportes e os meios de comunicação de massa (o esporte converte-se em ‘mercadoria cultural’ graças a sua natureza cosmopolita);
- ✓ A revolução técnico-científica (que reflete-se na busca da eficiência corporal, nos novos materiais e equipamentos, inclusive no surgimento de novas modalidades esportivas);
- ✓ A revolução democrático-burguesa e o enfrentamento das nações no plano internacional (isto é, dinâmica político-ideológica).

De acordo com Brohm (citado por PRONI, 2002) o esporte moderno não difere do antigo apenas por introduzir busca por novos recordes, mas também no que diz respeito à concepção de corpo associada às tendências dominantes dos modos de produção. O esporte para este mesmo autor nasce com a sociedade industrial e está relacionado às suas estruturas e funcionamento, se desenvolve de acordo com a lógica capitalista e assume forma e conteúdo que reflete os ideais da sociedade burguesa.

O esporte opunha-se ao trabalho, possuía a função de oferecer prazer, pelo menos para a classe burguesa (DUNNING, 1992), porém o aumento da industrialização fez com que o esporte assumisse características semelhantes ao trabalho. O desporto passa a correr atrás de resultados, e muitas vezes o resultado procurado é a superação de recordes produtivos (como no trabalho onde quanto maior a produção melhor o resultado). Outra característica marcante encontrada é a divisão de trabalho. Neste caso o atleta assume uma postura passiva, obrigado então a cumprir os planos de treino sem questionar ou participar da elaboração dos mesmos.

Brohm, ao estudar o esporte moderno parte da mesma linha de raciocínio de Marx, ele o faz tratando o esporte como sendo uma mercadoria. O processo histórico desenvolveria então novas e complexas formas esportivas, resultando no esporte moderno (PRONI, 2002). O fenômeno esportivo é encarado por Brohm como sendo uma produção esportiva, e que por sua vez apresentaria características da produção capitalista, produzindo por sua vez campeões, espetáculos, recordes e competições.

Proni ao se referir à produção esportiva diz que (ibidem, p. 35)

“a noção de produção esportiva justifica-se na medida em que o esporte, como forma abstrata da tecnologia corporal baseada no rendimento, inseriu-se organicamente nas formas lúdicas de exercícios competitivos, convertendo-as em técnicas altamente racionalizadas e eficazes. O princípio do rendimento surge então como o ‘motor do sistema esportivo’, uma espécie de centro de gravidade em torno do qual se situam os demais elementos, um princípio pelo qual se guiam as mudanças estruturais.”

Algumas características do esporte são fornecidas pelo seu caráter de mercadoria e pelas características que estruturam a sociedade moderna (ou a sociedade industrial). Uma dessas características que estão fortemente presente no esporte moderno é a mercadorização, que significa “a extensão da lógica da mercadoria para o âmbito das práticas corporais (de lazer), tanto no sentido do consumo de prestação de serviços (serviços e equipamentos) quanto na produção e no consumo do espetáculo esportivo” (BRACHT, 2003; p. 196). Podemos dizer que tanto a prestação de serviços, quanto o espetáculo compõem duas dimensões envolvidas pela mercadorização.

Essa mercantilização referida por Bracht (2003) resultaria em duas mudanças institucionais profundas: ocorreria uma diferenciação interna no esporte, de um lado

estaria o esporte de alto rendimento ou espetáculo (se organiza ao redor da economia de mercado, transformando a cultura em mercadoria), do outro o esporte enquanto atividade corporal ou atividade de lazer; a outra mudança seria a passagem da forma organizacional baseada no associacionismo (o esporte existiria enquanto atividade de lazer, porém ocorreria uma profissionalização dos serviços, como exploração dos espaços de clubes para serviços terceirizados) para uma forma gerencial/empresarial.

De acordo com Proni (2002) o esporte não apresenta nos dias atuais as mesmas características que apresentava em seu nascimento. Antes apresentava características de cultismo (principalmente festividades religiosas) ou então era praticado por lazer. Hoje ele apresenta algumas peculiaridades muitas vezes conflitantes entre si e também evolutivas. Para conseguir explicar as diferentes funções do esporte moderno, Proni utiliza a teoria de Brohm, que propõe que as funções esportivas sejam explicadas a partir de três dimensões, econômica, sociopolítica e psicossociais.

Essas mudanças que aconteceram no esporte e suas características, que podem ser vistas como evolutivas ou não, segundo Elias e Dunning (1992), podem ser consideradas como um processo de longa duração, e que não necessariamente constitui um resultado de ações intencionais de um único indivíduo ou de um grupo, mas é resultado do relacionamento de membros de diversos grupos interdependentes entre si.

Dentro das novas funções adquiridas pelo esporte ao longo de gerações encontramos algumas que se localizam na dimensão econômica, que delegaria ao esporte, além de ser uma identidade e meio sociabilizador, o papel de render lucro. Para isso o esporte passa a obedecer as leis que regem o sistema capitalista, agindo como uma instituição comercial, obedecendo às regras do comércio e da concorrência (PRONI, 2002). Os esportistas trocam sua força de trabalho por uma renda. Assim podemos perceber aos poucos que o esporte se constitui em uma grande indústria capitalista do espetáculo, onde a publicidade (televisão, rádio, internet,...) tornou-se responsável por divulgar o esporte, ampliando o mercado.

Marchi Júnior (2004) consegue nos explicar como a economia está relacionada com o esporte. Em uma das características do esporte podemos perceber que o valor econômico, assumido pelo mesmo, tem muita relação com sua espetacularização. O

esporte vem assumindo cada vez mais características profissionalizantes, capaz de fazer com que a mídia gire em torno de eventos esportivos, procedendo a uma espetacularização do esporte que caminha em direção ao impulso consumista da sociedade capitalista moderna. Para este mesmo autor, a massificação do esporte não está sendo trabalhada de forma a alcançar o objetivo de fazer com que a grande massa populacional pratique uma modalidade esportiva. Formar potenciais consumidores, apaixonados e fanáticos pelo esporte, que tem como um de seus desejos possuir artigos esportivos de sua paixão, este tem sido um dos objetivos da massificação, e não apenas a prática esportiva.

Proni (2002) nos mostra também a dimensão sociopolítica encontrada no esporte, e que diz respeito aos diversos papéis sociais e políticos desempenhados pelo esporte, como a diplomacia que faz papel de pacificadora entre superpotências, ou então cumpre o papel de exaltar a nação. Ele também colabora para a estabilização do sistema social, tornando-se assim uma espécie de ditador do comportamento social aceitável. “Ser esportivo nos é socialmente solicitado” (BRACHT, 2003, p. 113) e para determinados grupos sociais ser esportivo faz parte do comportamento cotidiano.

De acordo com Elias e Dunning (1992) o esporte para muitas pessoas se apresenta como uma religião, como uma fonte de identidade e significado para suas vidas. Estes autores explicam que o esporte é uma estrutura, uma configuração, na qual grupos de pessoas se mostram interdependentes entre si. Este grupo de pessoas interdependentes, por sua vez, constitui uma configuração mais ampla, é composta por pessoas que pertencem a uma corporação, a sociedade, sendo que esta existe também como um quadro internacional. Em resumo, o esporte é formado e submetido a controles, bem como realizado e estudado, enquanto configuração social.

Uma outra razão pela qual no esporte encontramos a dimensão sociopolítica é o fato de ele ter se desenvolvido juntamente com a sociedade burguesa inglesa. A burguesia apresentava-se como possuidora de uma posição de emergência socioeconômica e política, expondo novas propostas morais e idéias consideradas inovadas para a época, divulgando um novo conjunto de práticas corporais. Essas práticas culturais acabavam por rotular a posição de seus praticantes. Dentro desse

quadro, o esporte acabou por tornar sua prática um modo de distinção e designação de pertencimento social, ou seja, uma classe social praticava um determinado esporte, que quando praticado identifica a classe social de seus praticantes. Alguns esportes, com a profissionalização, romperam a barreira da classe social, como o futebol e o boxe. Outros esportes ainda hoje conservam uma característica de classe elitista, como o tênis e o golfe (MARCHI JÚNIOR, 2004).

A outra dimensão da qual trata Proni é a psicossocial. Nesta função o esporte seria como uma “válvula de segurança”, pois nele o indivíduo pode “canalizar sua energia social das massas, de catarse e transmutação da energia psíquica agressiva” (PRONI, 2002, p. 48). O esportista pode então utilizar toda sua energia na prática da atividade, descarregando seu excesso e deixando as decepções e frustrações. Outra função dessa dimensão seria usar o esporte como uma atividade compensatória em relação ao trabalho e outras atividades rotineiras.

Nas sociedades do século XVIII a agressividade dos homens, a satisfação de matar e torturar, mostrar a superioridade e o mais forte da emoção humana através da força física era um prazer socialmente permitido, e até necessário. Não havia, nesta sociedade, um poder central que fosse capaz de fazer com que as pessoas controlassem seus instintos agressivos (ELIAS, 1994). Com o processo civilizador, esse comportamento agressivo encontra aceitação dentro do esporte, e nas palavras de Elias (ibidem, p. 200):

“elas se manifestam especialmente em participar como ‘espectadora’ (como por exemplo, em lutas de boxe), na identificação imaginária com um pequeno número de combatentes, a quem uma liberdade moderada e precisamente regulamentada é concedida para liberação dessas emoções. E este viver de emoções assistindo ou mesmo apenas escutando (como, por exemplo, a um comentário na rádio) é um aspecto particularmente característico da sociedade civilizada.”

Uma outra finalidade do esporte, apontada por Elias e Dunning (1992) é oferecer aos seus praticantes uma proporção de prazer. Podemos ainda fazer menção a outros anseios que as pessoas procuram satisfazer ao praticar um esporte, como uma gratificação financeira ou a possibilidade de oferecer prazer aos espectadores.

Ao buscar entender esse fenômeno que estamos estudando, o esporte moderno, nos deparamos com a teoria de Guttmann, usada por muitos autores como o principal referencial teórico para discussão do advento esportivo na sociedade. Guttmann, ao investigar o esporte moderno e suas relações, estabeleceu sete características que estariam presente nessa instituição, são eles o secularismo, a igualdade de oportunidades na competição e em suas condições, a especialização das regras, a racionalização (o que possibilitou sua internacionalização), a organização burocrática, o impulso para a quantificação e a busca de recordes (GEBARA, 2002).

De acordo com Marchi Júnior (2004), Guttmann analisa o esporte como sendo uma resposta da sociedade, uma forma de absorver e refletir as necessidades e características da sociedade, e também um dos elementos da transição da sociedade tradicional para a moderna. Veremos então o que cada característica apresenta em comum entre a sociedade, o capitalismo e o esporte.

Para relatarmos sobre cada característica encontrada por Guttmann no esporte moderno faremos uso dos estudos de Pilatti sobre a teoria do próprio Guttmann.

Pilatti (2002) ao estudar a teoria de Guttmann no que diz respeito às características do esporte moderno afirma que, a secularidade é reconhecida no esporte da atualidade uma vez que nas culturas primitivas todos os jogos tinham um caráter de cultismo, eram praticados em cerimônias e festividades. “Partindo dessa consideração, Guttmann questiona se os esportes eram apenas parte de um culto religioso ou se fazia parte de um setor independente, ou seja, se o esporte era mesmo naquela sociedade uma forma de vida secular” (GUTTMANN citado por PILATTI, 2002, p. 65).

Dois exemplos fortes de jogos gregos que eram realizados como cultos a uma divindade eram os jogos Heranos, que tinham como objetivo homenagear Hera (mulher de Zeus), nestes jogos somente a participação da mulher era permitida; e os jogos Olímpicos, que de acordo com Godoy (1996) eram realizados para homenagear Zeus. Um outro exemplo que podemos citar aqui também é o futebol praticado nas sociedades pré-industriais, nas quais sua prática era realizada como sendo parte de um rito de fertilidade, ou ainda como um modo de assinalar a passagem das estações do ano (MURRAY, 2000).

Guttmann, citado por Pilatti (2002) diz ser um engano acreditar que os esportes gregos sejam os antecessores dos esportes modernos. Ele afirma que o caráter religioso dos jogos gregos nunca ficou em dúvida, mas mesmo assim foi possível encontrar neles características de secularidade. Apesar de os jogos e eventos da Antigüidade terem um ritual, religioso ou não, depois de um período o esporte passou a ser visto como uma atividade profana pela igreja. Isso fez com que a ligação que existia entre o esporte e a esfera sagrada fosse quebrada, transformando-o em uma atividade secular.

Godoy (1996) afirma que na Grécia a cultura atlética sempre foi valorizada, pois, o esporte estava associado a evolução do próprio homem. O esporte fazia parte da cultura e socialização dos homens, e por isso a “arena esportiva era objeto de muita atenção e cuidado por parte dos gregos. Não era possível imaginar-se uma comunidade grega sem uma praça de esportes, sua palestra e seu ginásio” (ibidem, p. 43).

De acordo com Bracht (2003) as práticas corporais presentes na sociedade tradicional, inclusive os chamados esportes antigos, estavam sendo regidas segundo as normas de instituições militares e religiosas, por exemplo. Na sociedade moderna as praticas corporais começam a autonomizar-se em relação às instituições, o que ocorre em íntima relação com a chegada da própria sociedade moderna.

A segunda característica trazida por Pilatti (2002) é a igualdade de oportunidade de participação nas competições atuais. Nos povos primitivos tal característica não era encontrada, a primeira vez que se nota a presença da igualdade de oportunidade é nos esportes praticados pelos gregos. Os romanos também ofereciam tal condição em seus esportes, porém a mesma não era oferecida quando se tratava da luta de gladiadores, o maior evento romano.

A igualdade de oportunidades é um motivo pelo qual as mulheres, que praticam esportes, têm se queixado. A falta de igualdade de oportunidade no esporte faz com que o resultado seja mais valorizado do que o processo de jogo, resultando na exclusão das atletas que demonstram um menor nível de habilidades, não permitindo às mesmas oportunidades para desenvolverem outras experiências (DEVIDE, 2005).

Nos esportes praticados atualmente essa característica pode ser encontrada quando vislumbramos competições regradas, afirma Pilatti (2002). A inserção de

regras nos esportes também pode ser encarada como parte do processo civilizador, já que com as regras as competições passaram a possuir um caráter menos violento (ELIAS e DUNNING citado por GEBARA, 2002).

É possível encontrar nos Jogos da Antiguidade regras, e o atleta, para participar das competições tinha que obedecer as regras, caso contrário eram punidos de diversas formas, inclusive com a tortura. O atleta não podia ser escravo, não podia matar ou ferir deslealmente seus adversários e as mulheres eram proibidas tanto de participar quanto de assistir aos jogos (GODOY, 1996, p. 68).

As regras, no entanto, deixaram de serem usadas para oferecer igualdade de oportunidade, passando a servir como uma forma de adequação das práticas para a mídia, favorecendo a indústria do entretenimento.

No entender de Guttmann (citado por PILATTI, 2002) um fator que teve de ser superada para que a igualdade se efetivasse foi a segregação, tanto a racial (a participação de um negro para a disputa do título mundial no boxe só foi permitida em 1908) quanto a segregação da mulher no esporte (sua participação em competições só foi aceita depois da metade do século XX).

Em busca de uma transformação de valores dentro da sociedade, um grupo de mulheres que praticavam softbol foi entrevistado por Birrel e Ritcher (1994, citadas por DEVIDE, 2005) e durante a entrevista elas apontaram alguns aspectos dos quais dizem ser contra suas idéias, entre eles: a valorização da vitória, do resultado, independente se teve ou não momentos de prazer durante a prática do esporte; a figura do treinador como sendo a de maior autoridade; a exclusão das jogadoras menos habilidosas não importando o processo do jogo, mas sim o resultado, o que significa que nem todas as atletas têm a mesma oportunidade de jogar; a privação do esporte, em razão da classe social, identidade de raça ou até mesmo preferência social; o oponente sendo visto como um inimigo e não como alguém de quem se precisa para existir um jogo e o risco oferecido às outras atletas em virtude da prática do jogo perigoso.

A terceira característica que vamos discutir é a especialização das funções dos esportistas que se apresenta juntamente com a divisão do trabalho, característica

encontrada também na indústria. Segundo Kellner (citado por PRONI, 2006) o esporte moderno foi organizado seguindo os mesmos princípios da divisão de trabalho, exaltando valores contemporâneos de competição e de vitória. Como se não bastasse os princípios, o esporte moderno acaba por também reproduzir uma estrutura do local de trabalho, tanto o trabalho individual quanto o de equipe.

Outra característica apontada por Guttmann e comentada por Pilatti (2002) é a racionalização, encontrada nos eventos esportivos da atualidade que apresentam uma relação lógica entre os meios e os fins. Se preciso for as regras são mudadas para se adequarem a essa racionalidade. Um exemplo desse fenômeno são as mudanças ocorridas nas regras do vôlei, possibilitando sua transmissão ao vivo pela televisão.

Uma outra forma de racionalização apontada por Pilatti (2002) é a mudança no treinamento esportivo em prol de uma melhor performance (essa performance de melhor qualidade tornou-se um fim ambicionado por todos) nos esportes.

A busca por um melhor resultado trouxe como consequência o sacrifício corporal. A cada dia mais intervenções médicas ocorrem para recuperar lesões, resultado de grande esforço. O corpo não mais pertence à natureza, mas sim aos cientistas, que encaram o mesmo como sendo uma máquina composta de diversas partes: tornozelos, joelhos, braços, etc., que são treinadas separadamente (DEVIDE, 2005).

A quinta característica a ser mencionada é a burocratização. “É a instituição burocrática que passou a administrar o desenvolvimento dos esportes, transformando-os em um produto adequado à mídia” (PILATTI, 2002, p. 71). Essa característica pode ser confirmada quando vemos que há uma padronização internacional dos elementos que constituem o esporte, como por exemplo, uma universalização das regras dentro de instituições também reconhecidas internacionalmente, controles de recorde e produções de espetáculos esportivos. Um exemplo claro da criação de um espetáculo esportivo é a Copa Desafio, criada pela Football Association, instituição que além de ser responsável pela codificação e normatização do futebol na Inglaterra, conseguiu se estabelecer como uma autoridade sobre outras instituições futebolísticas do mesmo país, diz Murray (2000) e Reis e Escher (2006).

Mesmo tendo sido feita uma adaptação em vários esportes para que se adequassem à mídia, ainda assim o esporte feminino não tem tido espaço para sua divulgação. Segundo Devide (2005) isto ocorre porque não há uma consciência de que o esporte feminino também apresenta espectadores, sendo que a cobertura da mídia pode trazer um incentivo para que outras mulheres busquem praticar esportes. O que acontece, no entanto, é o contrário. Como a mídia não divulga os esportes praticados pelas mulheres, acaba fortalecendo ainda mais as barreiras que as têm afastado de determinada prática.

Podemos encontrar no esporte uma forte tendência à burocratização e à internacionalização do esporte-espetáculo, é o que afirma Proni (2006) que diz ainda ter ocorrido um grande crescimento “horizontal” (no que diz respeito ao número de elementos abrangidos pelo esporte) e um crescimento “vertical” (com a espetacularização dos torneios, surgimento de federações, etc.) no esporte.

Algumas divisões características do esporte-espetáculo são facilmente identificadas, são casos como a separação que ocorreu entre amadores e profissionais, praticantes e espectadores, consumidores e produtores, é o que afirma Marchi Júnior (2004). Essas características são típicas do esporte institucionalizado, e para Pierre Bourdieu (1983, citado por Marchi Júnior, 2004) devemos estudar os acontecimentos históricos e sociais que deram condições para que um sistema de instituições e de agentes (representados desde clubes a produtores e vendedores de artigos esportivos) surgissem e se estabelecem no universo do esporte.

A burocratização do esporte, segundo Pilatti (2002) acaba por vincular a si duas outras características encontradas no esporte moderno, a quantificação e a busca por recordes. A quantificação teria como seu símbolo principal o uso do cronômetro, tornando a comparação entre performances uma necessidade. O recorde por sua vez é a única característica encontrada somente no esporte moderno.

Guttmann conclui o raciocínio indicando que todas as características por ele mencionadas estão de alguma forma inter-relacionadas (ibidem). Existe também uma relação forte entre espetacularização do esporte, mercadorização e difusão pela mídia

(PRONI, 1995). Estes fatores também desempenharam um importante papel na consolidação do esporte moderno.

A valorização do esporte, transformando-o em espetáculo, fomentou o interesse da mídia, principalmente a transmissão dos esportes pela televisão, o que proporciona fontes adicionais de renda para os esportistas e acaba atraindo o interesse de patrocinadores que buscam divulgar seu produto. Isso tem feito com que as equipes esportistas organizem-se de tal modo a permitir uma maior cobertura da mídia, o que é justificado pelo interesse das empresas em realizar um marketing esportivo usando como seus “garotos-propagandas” as equipes e os atletas que mais se destacam (PRONI, 1995).

A mídia exerce uma influência tão grande em cima do esporte que não foi preciso esperar chegar até o ano 2000, quando a tecnologia faz parte da vida de todas as pessoas, para utilizar a mesma como “arma”. Durante a década de 1930, o esporte e a mídia (com transmissão de rádios principalmente) foram descobertos pelos ditadores como um modo de manipular as massas. Segundo Murray (2000) o esporte era usado como um meio de distrair os operários e incentivar um orgulho nacional, o que acabava iludindo os cidadãos, e também, com vitórias no campo esportivo, era capaz de se tornar um modo de impressionar outros países.

De acordo com Proni (1995) grande parte das mudanças vivenciadas pelo esporte têm sido produto de uma crescente onda de intercâmbio internacional e de uma comercialização dos componentes do mundo esportivo, o que faz com que tudo o que está envolvido com o esporte passe a seguir uma lógica de mercado.

Identificando alguns elementos que foram determinantes para o processo de constituição da sociedade e do esporte moderno “fica mais fácil, agora, entender porque o esporte se converteu, no século XX, na nova religião das multidões industriais” (PRONI, 2002, p. 52).

4. O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE

A mulher sempre teve que se esforçar para ter um pé no mundo dos esportes. Isso pode ser contemplado até os dias de hoje em virtude da ainda dominante presença dos homens no esporte e da menor exposição das mulheres (DUNNING citado por Cidade, 2005).

As mulheres, na antiguidade, eram proibidas de participar dos jogos e até mesmo de assistirem às competições. Caso fossem encontradas assistindo aos jogos eram punidas, sendo que muitas vezes essa punição era a própria morte (GODOY, 1996). Mas existia uma única competição na qual as mulheres eram as únicas a participarem, eram os Jogos Heranos, que ocorriam em homenagem a deusa Era, mulher de Zeus. Um dos principais motivos que incentivavam as mulheres a participarem dos jogos era a crença de que os filhos nasciam mais fortes.

As mulheres não eram desprezadas ou tratadas como simples objetos em todas as sociedades antigas. Na Grécia, por exemplo, às mulheres era devotado um valor, no qual se admirava características hoje ditas como predominantemente femininas, como a afetividade, a beleza, a maternidade, entre outros que em momento algum tinham a intenção de inferiorizar o valor da mulher na sociedade. Nesta mesma sociedade as mulheres não só participavam ativamente nas decisões da sociedade, se destacando também em outras áreas como a literatura, ciências e outros conhecimentos, o que faziam com que as mulheres fossem vistas como igualdade em relação aos homens (DEVIDE, 2005). No que diz respeito à prática de atividades físicas, segundo este mesmo autor, as mulheres da sociedade grega de fato realizavam estas atividades, chegando muitas vezes a competir com os homens. Em Esparta uma maior liberdade era oferecida às mulheres, que praticavam atividades físicas, treinamentos militares, chegando a treinar junto com os homens, acreditando que essas atividades podiam contribuir com o objetivo de formar uma mãe saudável.

A participação das mulheres variou de acordo com a cultura da sociedade da época. “Para observar o processo feminino do envolvimento nos esportes, é preciso ter em mente que cada época é válida em si mesma” (CIDADE, 2004, p. 43). Para

entendermos como se deu o processo de envolvimento da mulher no esporte temos que entender quais eram os costumes da sociedade e como ela reagiu a esse fenômeno, quais foram as barreiras montadas neste caminho e como foi a reação de pessoas que se diziam contra a participação de mulheres no esporte.

Para que as mulheres conseguissem o direito de participarem de atividades físicas e esportivas, como os Jogos Olímpicos, elas tiveram que conquistar primeiro o direito de sair de casa, seja para trabalhar ou estudar, e mesmo assim elas não conseguiam separar os diversos papéis que desempenhavam, como mãe, mulher, trabalhadora (muitas vezes trabalhavam fora para ajudarem no sustento da família) e mais tarde também como atleta.

Os homens ocupam, na sociedade em que vivemos, uma posição superior a da mulher, mesmo depois de muitas mudanças isto continua sendo verdade até os dias de hoje. Aos homens cabe decidir sobre os rumos que a humanidade deve seguir. Este poder “imposto” aos homens fez com que suas emoções fossem suprimidas de tal forma que hoje é normal escutarmos a seguinte frase: “homem que é homem não chora!”. De acordo com Devide (2005), com medo de não serem reconhecidos como homens, eles não admitem suas fraquezas e não demonstram muitas de suas emoções. Muitos homens se sentem prisioneiros e vítimas do valor do patriarcado, dizendo que além de prejudicarem seus relacionamentos com as mulheres e com outros homens, esta condição de dominantes acaba também por subjugar as mulheres, que se vêem impedidas pela cultura de largar as funções a elas destinadas, trabalhos domésticos, educacionais, cuidar dos filhos, etc.

Muitas foram as mudanças ocorridas entre o século XVIII e XXI. Podemos começar com a diminuição da taxa de natalidade, seja pelo fato de as mulheres casarem mais tarde ou escolherem permanecerem solteiras, pelo desejo de terem um padrão de vida mais alto (a diminuição na dimensão familiar diminuía também as despesas domésticas). Mas não era apenas o fator econômico que motivava os casais a terem menos filhos, isso era fruto também de significativas mudanças culturais (HOBSBAWN, 1988).

É comum encontrarmos ainda hoje mulheres que abandonam a carreira de atletas por causa dos compromissos familiares, seja com os filhos ou com o marido. Muitas mulheres se vêem com sentimentos de culpa por não conseguirem conciliar o treinamento esportivo com as tarefas domésticas, a atenção oferecida à educação dos filhos e demais papéis sociais que a sociedade estabelece (DEVIDE, 2005). Outro fator que pode levar as mulheres a optar por abandonar um treinamento é, além de um espectro menor de atividades oferecidas a elas, o fato de a premiação ser menor para as mulheres, mesmo elas competindo sob as mesmas regras que os homens, fazendo com que elas procurem uma outra forma de auxiliar no sustento familiar.

O período que sucedeu a Revolução Francesa foi palco de grandes mudanças na vida da sociedade e principalmente das mulheres. Neste período surgiram grandes aparelhos domésticos, modernos, que auxiliavam as mulheres nos seus afazeres dentro de casa, como a iluminação a gás e mais tarde a chegada da eletricidade, a água encanada (o que dispensava as mulheres de irem buscar água em poços, muitas vezes longe de suas casas) e tecnologias na medicina que, além de diminuir o risco de infecções puerperais com a assepsia, também facilitaram o parto com a implantação da anestesia (CIDADE, 2004).

Segundo Hobsbawn (1988) as mudanças foram significativas, porém a vida das mulheres parecia não ter sofrido nenhuma modificação. Isso se dá principalmente pela dificuldade encontrada por elas de separar os papéis desenvolvidos dentro da casa, junto à família e ao trabalho, o que acontecia no mesmo ambiente, eram as chamadas “indústrias domésticas”. Ao passar do tempo as indústrias domésticas deixaram de ser um empreendimento familiar, passando a ser um trabalho mal pago, no qual as mulheres só continuavam porque permitiam a elas ajustar o trabalho com a administração da casa e o cuidado com os filhos.

A partir das últimas décadas do século XIX é possível observar mudanças de grande impacto na vida das mulheres. A primeira mudança podemos dizer que é a educação, pois além de terem acesso aos estudos, agora as mulheres predominam no magistério. Em segundo lugar encontramos um sintoma muito importante da mudança, uma maior liberdade de movimentos, tanto dentro da sociedade quanto em sua relação

com os homens. A liberdade, para o bem das mulheres, foi além de movimentos mais livres, elas passaram a usar roupas mais frouxas, diferentes das que estavam habituadas a usar (o espartilho ou corpete que as exprimiam dentro de uma grande quantidade de tecidos, chegando a omitir as formas físicas de seus corpos) começaram, também, a praticar esportes, o que permitiu aos homens e mulheres encontrarem-se fora das reuniões dentro de suas casas. Um objeto que emancipou muito mais às mulheres do que aos homens foi a bicicleta, já que as mulheres sentiam uma maior necessidade de liberdade de movimentos -as mulheres da aristocracia que montavam a cavalos ainda tinham que sentar de lado-(HOBBSAWN, 1988).

Mesmo com essas mudanças supracitadas, às mulheres era reservado o lazer doméstico e a participação de jogos junto à família, pois acreditavam que isso fortalecia os laços familiares. Isso não quer dizer que o esporte era totalmente incompatível com a mulher, mas sim que isso poderia representar uma mudança na dominância masculina (DEVIDE, 2005).

Segundo a autora Heloísa Reis (1996, citada por REIS e ESCHER, 2006, p. 59)

“as conquistas no campo esportivo seguem as conquistas do campo social. Como vivemos em uma sociedade onde os valores predominantemente ainda são masculinos, certamente no campo dos esportes o que predomina são os valores masculinos”.

Mesmo com a sociedade indo contra o processo de esportivização feminino foi através do mesmo que as mulheres conseguiram muitas de suas conquistas. Hobsbawn e Terence (1984) acrescentam que o esporte proporcionou às mulheres das classes altas e médias um reconhecimento público como seres individuais, deixando de viver sempre em função do homem. Um exemplo disso é que, seis anos após a criação dos campeonatos de tênis masculino, as mulheres passaram a integrar e participar de competições de tênis, as competições simples estenderam-se também ao torneio de Wimbledon, e mais tarde a campeonatos americanos e franceses.

Além das competições de tênis, uma outra modalidade na qual as mulheres participavam na Inglaterra era o hóquei na grama, um esporte considerado até 1890, aproximadamente, feminino. Uma grande mudança aconteceu na sociedade, fazendo

com que já no ano de 1900, este mesmo esporte, passasse a ser alvo de críticas, sob o argumento de que as mulheres corriam o risco de perder a feminilidade (DEVIDE, 2005).

De acordo com Elias (1994) os costumes se modificam a cada século. A sociedade em momentos aceita um comportamento e depois volta-se contra o mesmo. O casamento é um exemplo, enquanto na sociedade absolutista (séculos XVII e XVIII) o domínio do marido sobre a mulher foi quebrado, as mulheres passaram a ter o mesmo poder social, as opiniões das mulheres transmitidas à sociedade passam a ser aceitas, e até mesmo relacionamentos extra-conjugais (antes aceitas somente por parte dos homens) eram agora, dentro de certos limites, considerados legítimos. Este mesmo comportamento dentro do casamento passou a ser rejeitado pela sociedade do século XIX, que já não aceita relacionamentos extra-conjugais por parte das mulheres e nem dos homens. Outro comportamento que também se modifica é o aumento do poder do marido sobre a esposa. A sociedade aceita que o homem cometa algumas faltas em seu casamento ou em seu círculo social, porém esta mesma atitude é repudiada de forma mais veemente quando realizadas pelas mulheres.

Antes da I Guerra Mundial o esporte feminino não era reconhecido, uma vez que as mulheres ainda eram vistas como sendo um sexo frágil, que se mostrava incapaz de realizar qualquer atividade na esfera pública sem que dependessem dos homens (DEVIDE, 2005). Depois da I Guerra Mundial a sociedade acabou “relaxando” em alguns de seus comportamentos. Muitas limitações impostas ao comportamento das pessoas com o tempo foram dando espaço para uma mudança. Muitos comportamentos antes proibidos passaram a ser permitidos. Um pequeno exemplo é em relação ao vestuário de banho. No século XIX, as mulheres que usassem em público trajes de banho eram repudiadas pela sociedade. Essa liberdade (com maior significado principalmente para as mulheres) e a difusão do esporte só foram possíveis porque o comportamento social estava em contínua mudança (ELIAS, 1994).

Uma outra Guerra que acabou fazendo com que fosse dada às mulheres uma importância maior frente à sociedade foi a II Guerra Mundial. Esta Guerra eclodiu

logo após os Jogos Olímpicos de Berlim que ocorreu no ano de 1931. Como os homens estavam no *front* de batalha as mulheres tiveram que assumir muitos negócios na cidade, para que a economia não parasse, e também outras atividades da esfera pública, o que fez com que as mulheres participassem mais das decisões da sociedade (inclusive na política), mostrando que tinham a capacidade de assumir qualquer atividade profissional (MARANGOPOULOS, 1990 citado por DEVIDE, 2005). Logo após o final da II Guerra Mundial, no ano de 1948, foi votada a Declaração Universal dos Direitos Humanos que julgava imprópria qualquer discriminação em relação ao gênero. A sociedade mostrava uma lenta mudança e começava a aceitar as mulheres dentro das universidades e também como empregadas remuneradas (ibidem), e dentro do campo esportivo o número de mulheres que participaram das olimpíadas aumentou entre 1948 e 1968 e o rendimento melhorou de forma significativa, sendo que marcas antes consideradas masculinas foram alcançadas pelas mulheres.

A ocorrência das duas guerras mundiais, embora sempre sejam carregadas de muitas perdas em diversas áreas, em um aspecto ela foi de grande valia, principalmente para as mulheres, que durante o período em que os homens estavam na batalha, tiveram que trabalhar nas fábricas para abastecer o armamento de guerra e também nas cidades para fortalecer a economia. Neste período as mulheres puderam mostrar que eram capazes de fazer muito mais do os homens permitiam a elas fazer, e sendo assim em um certo momento elas decidiram sair de suas casas e passaram a praticar esportes, muitas vezes com a intenção de arrecadar dinheiro para a caridade (MURRAY, 2000).

O esporte surgiu de um passado de desigualdades, mergulhado em valores masculinos, o que influenciou na menor participação das mulheres nos esportes. As diferenças biológicas entre homens e mulheres existem, e devem ser levadas em consideração na hora da prática esportiva, porém esta mesma diferença não deve ser usada como desculpa para que as mulheres deixem de participar ativamente no mundo esportivo. Os clubes vêm incentivando a prática esportiva pelas mulheres, e a luta para que isso se torne realidade em todos os países é intensa (ROCHA FERREIRA, 1997).

4.1 A INSERÇÃO DA MULHER NO ESPORTE

As mudanças ocorridas na sociedade, e principalmente a maior liberdade conquistada pelas mulheres, acabaram por permitir sua inserção no mundo esportivo e o aumento de sua participação nas mais variadas atividades físicas. Segundo Dunning (1999 citado por CIDADE, 2004, p. 45) os principais motivos que levaram as mulheres a buscarem o esporte foram “o interesse em obter as satisfações miméticas, sociais e de mobilidade que se pode conseguir através do esporte, e a igualdade de oportunidades como resultado das limitações impostas tradicionalmente aos papéis femininos”. Dunning (ibidem) afirma também que as relações que existem (ou que deixam de existir) entre homens e mulheres é resultado da estrutura da sociedade em que vivem, sendo que, nas sociedades industriais dos últimos duzentos anos o esporte passou a ser um fator que valoriza ainda mais a identidade masculina. Porém com a inserção das mulheres no mundo dos esportes, a discussão acerca de gênero se tornou mais freqüente nesta área.

O esporte, segundo Devide (2005), é interpretado sempre como tendo seus valores voltados para os homens, como a competição, a virilidade e a agressividade, entre outros, o que muitas vezes é um impedimento para que o esporte seja visto como um instrumento a ser usado a favor da emancipação feminina. A partir do momento em que o esporte pudesse ser visto sem carregar somente os valores masculinos, ele poderia vir a ser interpretado como uma forma de auxiliar na auto-estima, aumento de segurança e reconhecimento das mulheres perante a sociedade. Porém, o que os estudos mostram é que o esporte é considerado como uma atividade masculina, sendo assim as mulheres que de alguma forma ingressam nestas atividades correm o risco de perder sua feminilidade, sendo este um dos maiores, senão o maior impedimento usado até os dias de hoje para manterem as mulheres o mais longe possível das práticas esportivas.

A participação feminina no esporte teve como um grande marco o início da participação das mulheres nas olimpíadas. Esse início em si já foi de difícil realização, pois o Barão Pierre de Coubertin, ao restabelecer os Jogos Olímpicos o fez nos moldes

dos Jogos da Antiga Grécia, e como as mulheres eram proibidas de participar dos jogos, ele também se pôs contra a inserção feminina nas Olimpíadas. Apesar de todas as declarações contra a participação feminina nas Olimpíadas, Alice Milliat decidiu não se conformar com os moldes colocados pela sociedade da época fundando em 1921 a Federação Feminina Esportiva Internacional, que contou com uma participação 70 associações e 5000 aderentes, um sucesso que a fez continuar com o seu propósito inicial, engajar as mulheres no mundo esportivo (WIENER, 2000 citado por CARVALHO, 2002).

O barão Pierre de Coubertin era defensor da idéia de que os Jogos eram como festivais, no qual era exposto o atlético dos corpos dos homens, mas os jogos também era um local onde se “media” a masculinidade de cada um, e esse era um dos motivos que Coubertin usava para excluir as mulheres da participação nos Jogos. Explicações fisiológicas foram usadas para manterem as mulheres longe da prática de atividade física, como, por exemplo, a possibilidade de comprometimento do aparelho reprodutor, podendo afetar a capacidade das mulheres de terem filhos, além de prejudicar também na amamentação, menstruação e outros aspectos biológicos compreendidos às mulheres. Para os homens da sociedade da época a mulher era um sexo frágil e tinha como papel a reprodução e cuidar da casa (DEVIDE, 2005).

Apesar de todo o esforço de Coubertin para manter as mulheres longe dos esportes, Miragaya (2002) afirma que no ano de 1986 (reinauguração dos Jogos Olímpicos) uma mulher refez todo o percurso da maratona, um total de 42 km, no dia seguinte ao da prova, sendo que a última volta foi realizada fora do estádio, pois sua entrada foi proibida. Mesmo assim nenhuma mulher participou dos Jogos.

Segundo Devides (2005) no ano de 1900 as mulheres conseguiram ingressar nas Olimpíadas em duas modalidades, golfe e tênis e em 1904 uma exibição de arco e flecha, mas a campeã não recebia nenhum prêmio, apenas uma coroa de louros. Nos III Jogos Olímpicos (1908) as mulheres tiveram outra oportunidade de se exibirem nos esportes, sendo que desta vez se contou a participação de 36 mulheres de quatro países nas seguintes modalidades: arco e flecha, ginástica, iatismo, tênis e patinação. Um fator de grande importância foi a participação de uma mulher na equipe vencedora de

late. No ano de 1914 a Comitê Olímpico Internacional (COI) discutiu em quais esportes as mulheres poderiam participar nas Olimpíadas de 1916, porém estes jogos não ocorreram em virtude da I Guerra Mundial. Já no ano de 1919 o COI informou que as mulheres poderiam participar dos Jogos, porém elas estariam limitadas a duas modalidades, o tênis e a natação, excluindo totalmente o atletismo.

A inclusão das mulheres no mundo esportivo contou com a importante contribuição de Alice Milliat (francesa e primeira mulher a conseguir o diploma de remadores de longa distância), que no ano de 1917 fundou a Federação de Sociedades Femininas na França (FFSF) e mais tarde em 1921 com o auxílio de outros países fundou a Federação Internacional Desportiva Feminina (FSFI). A participação das mulheres no esporte foi ocorrendo aos poucos, sendo que no ano de 1922 aproximadamente 300 mulheres puderam participar da Olimpíada Feminina. Alice Milliat ainda não satisfeita com a pouca atenção oferecida às mulheres decidiu realizar os Jogos Mundiais Femininos, que ocorreram em 1930 na cidade de Praga e em 1934 na cidade de Londres (CARRILLO, 2000).

Com o sucesso dos Jogos Femininos começa a negociação entre a FSFI, liderada por Alice Milliat e a FIAA (Federação Internacional de Atletismo Amador), liderada por Henri de Baillet-Latour, para que o atletismo fosse incluso nas provas femininas dos Jogos Olímpicos. Anos mais tarde, durante o congresso da FIAA, ficou decidido que a FSFI deveria continuar responsável pelo esporte feminino, porém esta deveria estar subordinada às ordens da FIAA. Outra condição imposta foi que os nomes dos Jogos deveriam ser trocados para II Jogos Internacionais Femininos, e a partir da aceitação dessas condições a FIAA usaria sua influência para inserir o atletismo feminino nos Jogos Olímpicos de Amsterdã no ano de 1928, o que ocorreu de fato, porém apenas 4 provas foram inseridas (BERLIOUX, 1985; PFISTER, 1996, citados por DEVIDE, 2005). O duplo objetivo da FSFI foi alcançado, a participação efetiva das mulheres nos Jogos Olímpicos e seu pertencimento a FIAA, não restando mais nenhuma bandeira de luta para que a FSFI se mantivesse aberta. Contudo a missão da FSFI estava cumprida: a inserção das mulheres no principal esporte olímpico, reservado somente aos homens, o atletismo.

De acordo com Hargreaves (1894 citado por Miragaya 2002) podemos identificar três períodos da participação feminina no esporte. O primeiro compreendido entre os anos de 1896 a 1928, o segundo entre os anos 1928 a 1952, e o terceiro do ano 1952 até os dias de hoje.

O primeiro período foi caracterizado pelas incansáveis tentativas de excluir as mulheres dos jogos, luta feminina pela participação e pelas decisões tomadas pelos homens da época que não deixavam as mulheres se expressar. O segundo período foi marcado principalmente pela luta e consolidação das mulheres como esportistas, um termo novo quando referido às mulheres. A ocorrência da II Guerra Mundial reposicionou as mulheres no cenário econômico de seu país, conscientizando-as do lugar que ocupavam, assim elas procuraram criar em si mesmas um modelo de atleta, diferente do modelo masculino, o único conhecido até então. O terceiro período é possível dizer que é o período no qual a hegemonia masculina está sendo desafiada e quebrada. Acontecimentos importantes marcam esse período: a entrada da URSS na participação dos Jogos (a URSS já apoiava o esporte feminino a um bom tempo, pois a cultura era diferente dos outros países participantes, o que fez com que as mulheres de outras nacionalidades contemplassem nas atletas da URSS a possibilidade de serem atletas bem sucedidas); o Movimento Feminista que ocorreu na América do Norte e Europa, principalmente com o desenvolver da tecnologia e a invenção de anticoncepcionais, o que ofereceu a mulher a chance de terem mais escolhas e planejarem o futuro; o aumento significativo na participação das mulheres nas Olimpíadas de Sidney, realizadas no ano de 2000, que já alcançavam 38,3% do total de participantes (HARGREAVES, 1984 citado por MIRAGAYA, 2000).

No ano de 1958 durante uma sessão do COI em Tóquio foi colocada em discussão a possibilidade de inserir as mulheres em todas as modalidades esportivas que se encontravam no programa dos Jogos Olímpicos. Quem era de acordo com esta iniciativa argumentou dizendo que uma vez que o movimento olímpico busca tornar o mais perfeito a condição da humanidade, então as mulheres também deveriam ter os mesmos direitos que os homens, uma vez que elas também fazem parte da sociedade, segundo Devide (2005). Mas as pessoas que foram contra a inserção da mulher, em

todas as modalidades olímpicas oferecidas aos homens, argumentavam dizendo que determinada atitude poderia acabar super saturando o programa dos jogos.

Em 1981 uma nova fase estava começando a se instalar no COI e consequentemente no esporte. Depois de 75 anos da fundação do COI a irlandesa Pirjo Haggman e a venezuelana Flor-Isava Fonseca se tornaram as primeiras mulheres membros do COI (DE FRANTZ, s.d; STIVANCHTIS, 2000 citados por DEVIDE, 2005). Essa participação das mulheres nos níveis de decisão do esporte é importante porque segundo Devidé (2005, p. 123) “sem mulheres líderes, que tomem decisões e construam modelos de ação no esporte, a igualdade de oportunidades para mulheres e meninas no esporte não será alcançada, além do fato de que as experiências, valores e atitudes das mulheres enriquecerem e auxiliarem a desenvolver o esporte”.

4.2 A AÇÃO DE ORGANISMOS INTERNACIONAIS

É importante falarmos também sobre organismos internacionais que têm como objetivo acelerar o processo de envolvimento da mulher no esporte, aumentado as igualdades de direitos entre homens e mulheres de participarem do mundo esportivo, até então novo para as mulheres. Um evento que deu um forte início para os demais organismos internacionais foi a I Conferência sobre a Mulher e o Esporte, realizado no ano de 1994 na cidade de Brighton, Inglaterra. Esta Conferência, que contou com a participação de políticos e dirigentes de âmbito nacional e internacional, concentrou-se na discussão da mulher no esporte, procurou identificar as principais barreiras para a participação feminina no esporte e como acelerar esse processo de inserção. A I Conferência Sobre Mulher e Esporte foi organizado pelo Conselho Britânico do Esporte, tendo o apoio do COI em sua realização (IWG citado por CIDADE, 2004). Grandes foram as conquistas que as mulheres tiveram a partir desta Conferência, entre elas podemos citar a elaboração da Declaração de Brighton, o desenvolvimento de uma Estratégia Internacional para o Esporte Feminino e a formação de um Grupo de Trabalho Internacional sobre a Mulher e o Esporte (GTI).

A Declaração de Brighton foi dirigida a todos os governos, autoridades e instituições que possuem ligações com o esporte. Os principais objetivos da Declaração são (GTI- DECLARACIÓN DE BRIGHTON, 2006):

- ✓ assegurar que mulheres das mais variadas faixas etárias e classes sociais tenham oportunidade de participar de um esporte em um ambiente seguro e de respeito a seus direitos;
- ✓ inserir a mulher em todos os níveis do âmbito esportivo, seja como atleta ou em um cargo administrativo; reconhecer a participação feminina no esporte e sua contribuição para a comunidade e construção de uma nação saudável;
- ✓ garantir a vivência de experiências dentro do esporte pela mulher e reconhecer que o esporte possui um valor importante também no que diz respeito a sua contribuição para a vida individual da mulher.

Outras Conferências vêm sendo realizadas desde a Declaração de Brighton. Um dos principais objetivos das Conferências tem sido a discussão sobre os avanços da inserção feminina no esporte, as igualdades de oportunidades oferecidas, o respeito aos direitos humanos em especial aqueles voltados à oferta de esporte, inclusive o esporte de alto nível, bem como os incentivos dos governos para que as mulheres pratiquem esporte (GTI, 2006). No informe de avanço, publicado a partir da Conferência que ocorreu em Brighton foi dado um destaque ao progresso alcançado, em termos de uma maior consciência sobre a mulher e o esporte. Como resultado destes avanços o COI aderiu a Declaração de Brighton em 1995 e criou seu próprio Grupo de Trabalho sobre Mulher e Esporte (GTI, 2006). O informe também trouxe uma classificação na qual os países poderiam se identificar dentro de um dos níveis de comprometimento citados a seguir:

- ✓ Organismo que não adotaram a Declaração de Brighton e que não reconhecem que o gênero seja um problema da área dos esportes;

- ✓ Organismos que adotaram a Declaração de Brighton ou que se comprometeram com outro documento escrito a promover a igualdade da mulher, mas não a colocaram em prática nenhuma outra ação;
- ✓ Organismos que planejaram uma ação mas não asseguraram os recursos humanos e financeiros para por em prática a Declaração de Brighton;
- ✓ Organismos que tomaram medidas favoráveis, estabeleceram objetivos, asseguraram recursos necessários e estão atingindo resultados.

Outra importante realização foi a criação da Estratégia Internacional Mulher e Esporte, também resultado da I Conferência de Sobre Mulher e Esporte realizada em Brighton. O objetivo da Estratégia era coordenar o trabalho realizado em prol do esporte feminino. Foi sugerido, pela Estratégia, que governos e organismos de todo o mundo adotassem a Declaração de Brighton. Essa Estratégia também tinha a função de facilitar o intercâmbio de informações entre os mais diversos organismos de todo o mundo, buscando assim acelerar o processo de envolvimento da mulher no esporte e a igualdade de ambos os sexos na participação no mundo esportivo. Uma outra ação da Estratégia foi a realização de outra Conferência quatro anos após a primeira. Em resumo as Conferências vêm acontecendo de quatro em quatro anos (GTI-INFORME DE AVANCE, 2006).

Foi proposto, também na I Conferência, criar um Grupo de Trabalho Internacional sobre Mulher e Esporte (GTI) para assegurar a execução da Estratégia. O GTI é um organismo coordenador, composto de representantes de diversas áreas do mundo. Seu objetivo principal é facilitar e criar oportunidades para que o público feminino participe do mundo esportivo. Outros objetivos norteiam o GTI, que são (GTI- DECLARACIÓN DE BRIGHTON, 2006):

- ✓ Promover e supervisionar a adoção da Declaração de Brighton e da Chamada a Ação de Windhoech por parte de organismos de todo o mundo;

- ✓ Estabelecer um plano de ação e apoiar a implementação do mesmo, dando prioridades para áreas que não possuem em sua agenda de trabalho a igualdade entre homens e mulheres;
- ✓ Atuar como organismo de referência e consulta por outras associações e organismos em todo o mundo, centrando nos avanços internacionais em matéria de participação da mulher no esporte além de facilitar o intercâmbio de informações;
- ✓ Estimular o trabalho de redes regionais, nacionais e internacionais para o avanço na participação da mulher no esporte;
- ✓ Procurar incluir em conferências internacionais questões referentes à participação feminina no esporte e auxiliar na organização dos conteúdos sobre mulher e esporte e conferencistas que se apresentem em conferências internacionais;
- ✓ Atuar com entidade organizadora de conferências a serem realizadas sobre Mulher e esporte;
- ✓ Assegurar a gestão e os avanços do GTI.

Os organismos internacionais criados com o intuito de lutar pela inclusão da mulher no esporte têm conseguido resultados satisfatórios em relação a este objetivo. Entre os resultados podemos colocar o aumento da participação feminina nas Olimpíadas, a criação do GTI, criação de organismos regionais com o mesmo objetivo do GTI, sensibilização do Comitê Olímpico Internacional e Comitê Paraolímpico Internacional que adotaram a Declaração de Brighton e diversas associações internacionais que também adotaram a Declaração (CIDADE, 2004).

As iniciativas para uma sociedade na qual a igualdade entre homens e mulheres é uma realidade têm acontecido em diversos países, inclusive no Brasil. O Comitê Paraolímpico Brasileiro (COB) tem atuado na criação de diversas frentes de incentivo à participação feminina no esporte, principalmente junto às confederações, diz Osandón (2006).

5. O FUTEBOL

Uma concordância que encontramos entre vários pesquisadores do futebol é o fato de essa modalidade esportiva ter se originado na China. A notícia mais antiga que temos de sua existência, de um esporte muito similar ao futebol contemporâneo, é datado de 2600 antes da era cristã, onde oito jogadores, de cada lado de um campo, tinham o objetivo de passar a bola entre duas estacas sem permitir que a bola tocasse no chão, usando para isso apenas os pés (CABRAL, 1978). Segundo este mesmo autor, na Idade Média, existiam outros jogos onde o relacionamento entre o homem e a bola era o fundamento do jogo.

Na China este jogo era chamado de *kemari*, na Grécia o mesmo jogo era chamado de *epyskiro*, e na Roma o nome dado a este jogo era o *harpastum*, porém neste a bola era o crânio dos inimigos e não uma bola de couro ou uma bexiga de animal envolta em couro. Os ingleses seguiram os romanos. Há registros de que em 1050 os ingleses brincavam de chutar as cabeças decepadas de seus inimigos. No século XVI, na Itália, uma aldeia jogava contra a outra um jogo de massa, onde participavam 500 pessoas que tinham como objetivo fazer gol, passando a bola entre duas estacas, podendo utilizar, para isto, as mãos (BARROS E VITTA, 2000).

É possível encontrar dentro de fontes inglesas a prática de um esporte chamado futebol. Segundo Elias e Dunning (1992) esse esporte existiria desde o século XIV, porém apesar da grande semelhança do nome não podemos dizer que o futebol praticado naquele século é o mesmo que hoje conhecemos. O futebol praticado no século XIV era muito violento, não possuía regras, os jogadores saíam muitas vezes com fraturas e houve até mesmo casos de morte durante a prática desse jogo. Mesmo sendo um jogo onde a violência era exaltada, durante séculos este foi o passatempo preferido das pessoas daquela sociedade.

Na realidade, não tem como dizer com certeza como foi o início do futebol que hoje conhecemos, já que sua prática é antiga e suas regras eram diferentes, dependendo do país no qual era praticado. Nas sociedades pré-indústrias, os jogos eram disputados entre aldeias, faziam parte de um ritual de fertilidade e também era

jogado nas mudanças de estações do ano. Podemos dizer que o futebol era qualquer jogo onde uma bola era chutada, e por mais que hoje seja um jogo popular, na antiguidade era praticado por clérigos e pessoas da alta sociedade. Os jogos de futebol eram vistos também como inúteis ao treinamento militar, por isso era condenado, e também por ser um esporte que em sua origem era muito violento, arriscando a vida de seus praticantes (MURRAY, 2000).

O futebol tomou conta do cenário esportivo inglês rapidamente, tanto que no século XVIII os jovens ingleses já trocavam a prática da esgrima pelo 'football' em seus momentos de lazer (CABRAL, 1978).

Segundo Reis e Escher (2006) o futebol, assim como outros esportes, tiveram origem na Inglaterra, mais especificamente na segunda metade do século XIX. A maioria dos jogos ingleses (futebol, hughby, tênis...) são chamados de esportes modernos, sendo que o futebol foi o esporte que mais teve aceitação em todo o mundo, sendo também o mais praticado e o mais assistido, ganhando fama de esporte espetáculo.

Os estudos acerca da gênese do futebol costumam concordar em dizer que o esporte se expandiu e se desenvolveu a partir da criação da Football Association, em 1863, responsável por normalizar e consolidar o futebol na Inglaterra, sendo até hoje o responsável pelo futebol daquele país (REIS e ESCHER, 2006). O futebol é considerado um esporte moderno que se expandiu depois de uma onda de violência na sociedade inglesa (ELIAS, 1992 citado por REIS, 2005).

De acordo com Reis e Escher (2006) o futebol teve sua origem na sociedade inglesa no mesmo período quando a sociedade instituía o Parlamento Inglês, sendo que nesse mesmo momento o esporte deixou de ser apenas um divertimento das classes mais favorecidas, passando a ser um esporte mais acessível e difundido nas demais classes sociais.

O surgimento do futebol como hoje conhecemos, com todas as características de esporte moderno já discutidos no capítulo anterior, ocorreu, segundo Hobsbawn e Terence (1984), em meados ou final da década de 1880, quando manifestou características como o profissionalismo, a Confederação (institucionalização), a Taça,

os espectadores, a rivalidade existente entre cidades e demais fatores facilmente detectados nos dias de hoje.

Para Murray (2000) o futebol começou a ser difundido um pouco antes, quando as sociedades agrárias da Inglaterra se transformaram em sociedades industriais, em 1750. Os jogos, que antes eram disputados na zona rural em campos abertos, passaram a ser disputados em ruas e iluminados pelas luzes das fábricas, ocorrendo no tempo livre dos operários. Outro fator que levou o esporte a outras localidades foi a ligação das cidades pelas estradas de ferro, o que permitiu que o jogo fosse disputado a nível nacional.

No início o esporte era praticado a nível nacional somente pelas classes mais altas, a aristocracia e a pequena nobreza, pois estes tinham condições de financiar um deslocamento de uma cidade para outra. Com a industrialização alguns costumes vão sofrendo mudanças, inclusive na prática esportiva, agora acessível também às classes mais baixas. O que facilita muito essa mudança são as inovações nas telecomunicações e nos meios de transportes. Assim as pessoas passam a se identificar com times de sua região, dando início às rivalidades encontradas (DUNNING, 1992 citado por REIS e ESCHER, 2006).

Em meados do século XIX vários esportes já estavam sendo reconhecidos como atividades de lazer, entre eles encontramos o golfe, as corridas de cavalo, o atletismo e a natação entre outros. O futebol estava nesse momento apenas figurando como uma atividade regulamentada, porém, diferente de outras atividades, suas regras ainda não estavam claras e reconhecidas em todo o território inglês como uma única regra (MURRAY, 2000). O modo como o esporte era praticado até então dependia dos costumes de cada região, as “instruções” de jogo eram passadas de uma geração para a outra de forma oral (ELIAS e DUNNING, 1992).

Foram os old-boys (ex alunos dos internatos ingleses) quem deram o “ponta-pé” inicial na elaboração das regras a nível nacional. As primeiras regras foram criadas por ex-alunos do Salop e do Eton, em 1846, em que uma regra dizia da proibição de chutar o adversário com botas revestidas de aço. Uma tentativa mais séria de se criar um conjunto de regras foi realizada no ano de 1848, em Cambridge. Esse documento

recebeu o nome de “Regras de Cambridge” e foi a base para a criação das regras do futebol. Algumas controvérsias impediam um acordo final, o que resultou na criação de uma associação de rúgbi, onde era permitido o uso das mãos, e a criação das regras da Football Association, que passaram a permitir um leve toque de mãos, e no qual o jogo violento foi abolido (MURRAY, 2000).

Nos dias atuais, segundo Reis e Escher (2006), a cobertura da mídia nos jogos de futebol, a presença de um juiz, bem como as regras e punições que podem ser aplicadas aos jogadores, são fatores que contribuíram para um maior controle da violência por parte dos jogadores.

Os ex-alunos dos internatos, os old-boys, foram de suma importância para a difusão do esporte regrado pelo mundo, além de também pregarem o espírito do esporte e defenderem o amadorismo, ou seja, a não profissionalização do futebol (MURRAY, 2000), o que fazia com que apenas as pessoas de classe mais favorecidas praticassem tal esporte. Porém, devido à rápida difusão do esporte e também a aceitação do mesmo pelas classes mais populares, visto a facilidade que era ter uma estrutura capaz de oferecer condições de jogo, a FA não teve alternativa senão no ano de 1885, após denúncias de que jogadores estariam recebendo dinheiro para jogar, legalizar o profissionalismo. Mesmo autorizando o pagamento de um salário aos jogadores, a FA se mantinha inflexível quanto a aceitar a violência em jogo, a corrupção por dinheiro e a existência de futebol feminino.

Devemos lembrar que o profissionalismo é uma característica do esporte moderno, assunto já tratado no primeiro capítulo deste trabalho. Além desta característica outras podem ser encontradas e relacionadas ao esporte moderno, como: a secularização, há indícios de que em seu início o futebol era praticado também como forma de marcar a passagem de estação do ano ou ainda como um rito de fertilidade segundo Murray (2000); a especialização, pois hoje os treinamentos são específicos tanto para cada jogo quanto para cada jogador, dependendo da posição que ele ocupa em campo; a igualdade e racionalização, vistas a partir do momento em que também há uma divisão de times por divisão de acordo com o desempenho de cada time e também pela regulamentação das regras oficiais; e a burocracia, outra característica

encontrada no futebol, exemplo disso é a administração do esporte por uma determinada associação.

A classe nobre inglesa foi a classe que mais resistiu à profissionalização do futebol. Para esta classe a prática esportiva como um passatempo se constituía também em uma forma de segregação de classes, restringindo a prática esportiva à sua classe. Para infelicidade da alta nobreza, as classes mais baixas, desprovidas de educação e de demais condições que poderiam trazer dignidade, foram buscar no futebol um caminho para seu reconhecimento social (REIS e ESCHER, 2006).

Quanto à violência, esta se encontra presente no futebol até os dias de hoje. Reis (2005) diz em seus estudos que existe uma relação complexa entre esporte e violência, e que esta relação é vista com maior visibilidade no futebol, seja por causa de sua importância sociocultural, maior no século XX, ou ainda pelo seu crescimento como um produto da indústria cultural. O futebol também é um esporte que proporciona aos jogadores e espectadores um largo espectro de emoções, alegria quando ganham, tristeza e frustração quando perdem e a ansiedade durante o jogo e antes de cada gol.

No Brasil a chegada do futebol é atribuída a Charles Muller, quando no ano de 1894 voltou da Inglaterra, onde estudava, trazendo em sua bagagem uma bola de futebol, e em sua cabeça as regras do jogo (MURRAY, 2000). Porém quando chegou Charles Muller viu que não tinha com quem jogar, a saída que ele encontrou foi formar um time na empresa onde trabalhava, a São Paulo Railway, persuadindo outras empresas a fazerem o mesmo, e mais tarde criando o primeiro campeonato paulista, que contava até então com a presença de cinco times, passando para mais de sessenta times um ano depois.

Segundo Reis e Escher (2006) o primeiro clube a jogar futebol no Brasil foi o São Paulo Athletic Club, formado principalmente por colonos ingleses. Mesmo com este sendo o primeiro clube a jogar futebol, não foi o primeiro clube a se especificar no futebol, título possuído, segundo estes mesmos autores (ibidem), pela “Associação Atlética Mackenzie” criada em 1898.

Depois da criação e regulamentação das regras pelos ingleses o futebol se disseminou rapidamente pelo restante do mundo, resultando nas criações de diversos

times, ligas, divisões e campeonatos. Antes de 1914, os países da América Latina não possuíam nenhum destaque nesse esporte, mas mesmo assim são os países latinos que mais tarde seriam os campeões do mundo, é o que aponta Murray (2000). Este mesmo autor diz ainda que o futebol, assim como na Inglaterra, foi usado no Brasil como forma de segregação racial, principal motivo pelos quais os times evitaram contratar atletas das classes mais desfavorecidas e principalmente atletas negros. A partir de 1908, com a criação de diversos times de futebol, os homens das classes mais baixas, negros, e analfabetos, tiveram o direito de participarem de um clube de futebol, o que não significa que o preconceito e a discriminação diminuíram logo depois desse acontecimento (REIS e ESCHER, 2006).

O futebol no Brasil é hoje visto como uma identidade nacional, como uma tradição esportiva que segundo Soares (2002) se constitui como a ‘essência’ do povo, da cultura e de toda a nação. O Brasil ganhou grande visibilidade a partir da Copa de 1950, realizada em território nacional, que poderia ser lembrada como a melhor colocação da seleção em copas até então, porém esta Copa é lembrada por todos, que a ela se referem, com muita tristeza, com um sentimento amargo da derrota na final para o Uruguai, ou seja, não é lembrada como sendo a melhor colocação da seleção até então, mas sim como a derrota e perda do título de Campeão da Copa do Mundo.

A rápida difusão do futebol e sua fama de esporte mais popular do mundo fizeram com que hoje houvesse uma perda na identidade desse esporte, apresentando características mais globalizadas, além de sistemas de jogos, assim como uniformes, cada vez mais semelhantes (SOARES e LOVISOLO, 2003 citados por GIGLIO, 2005).

5.1 FUTEBOL FEMININO

Em um estudo realizado por Bandy (2000, citado por DEVIDE, 2005) na Antiguidade e até o século XIX as mulheres participavam de diversos jogos, como forma de expressão, inclusive jogos com bola (não podemos aqui afirmar se era um jogo semelhante ao futebol). Porém com a crescente educação dos homens, as mulheres acabaram ficando à margem, o que de fato continuou por muito tempo. Devides (ibidem) nos afirma que já durante o período renascentista a nobreza participava de diversos esportes, e a mulher não ficava de fora. Já no século XVI as mulheres começaram a participar de esportes como o futebol, o que de fato foi facilitado mais tarde com a institucionalização do esporte na Europa.

O futebol, ainda hoje, é uma área de reserva masculina. Ao estudar o futebol e a sociedade Reis e Escher (2006) afirmam que a participação das mulheres dentro do futebol institucionalizado, seja como jogadoras ou como espectadoras e torcedoras, sempre se apresentaram de forma tímida, mesmo com o aumento do interesse das mulheres por esse esporte.

Sendo o futebol, assim como outros tantos, um esporte de contato e uma área de dominância masculina, ele de certa forma representa muitas características relacionadas ao ser masculino como, por exemplo, a velocidade e a força, características (estabelecidas pela sociedade) que se opõem às femininas de representar um ser tímido e frágil. Esta comparação entre as características do esporte e do homem faz com que o futebol se estabeleça ainda mais como uma atividade voltada para os homens (MOURA, 2005), diferente das atividades voltadas para as mulheres, atividades estas que tem a idéia voltada para a beleza, a fragilidade e a graça do movimento, características femininas (também estabelecidas pela sociedade).

No esporte ainda há muita discriminação em relação à participação da mulher, e algumas modalidades acabam mostrando essas características de forma mais destacadas, como o caso do futebol. A participação feminina, no entanto, vem aumentando gradativamente de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade em relação às tradições, costumes, religiões e cultura.

O interesse das mulheres pelo futebol teve como grande precursor os anos do pós-guerra. Neste período as mulheres passaram a trabalhar em diversas áreas para ocupar cargos deixados pelos homens, assim elas passaram não só a trabalhar em fábricas e demais ocupações antes destinadas apenas aos homens, como também passaram a participar de atividades de lazer antes consideradas masculinas. Anos antes as mulheres eram estimuladas a comparecerem aos jogos somente como espectadoras, e isso só porque a presença feminina no estádio diminuía o comportamento agressivo dos homens. As mulheres, no entanto, queriam algo mais, chegando assim a montar times, ocorrendo jogos a nível internacional entre inglesas e francesas. O sucesso foi tão grande que no ano de 1902 a FA sentiu-se obrigada a expulsar as mulheres do futebol (MURRAY, 2000). Este esforço porém não foi o suficiente para afastar as mulheres da nova prática esportiva encontrada por elas. Elas continuaram a jogar, principalmente depois que times foram criados a partir de mulheres que trabalhavam na indústria bélica. No ano de 1921, a FA aprovou o banimento do futebol para as mulheres, alegando que este esporte não era adequado ao sexo e que sua prática não deveria ser encorajada, e até os clubes passaram a ser proibidos de dispor de seus campos com o propósito de servir como um local de prática futebolística feminina (ibidem).

O futebol é o esporte que mais se difunde entre as mulheres, principalmente nos EUA, que teve seu time feminino como o primeiro campeão da Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizada na China no ano de 1991 pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA), segundo Murray (2000).

Nos Estados Unidos, segundo Devide (2005), as jogadoras de futebol da seleção são mais conhecidas, naquele país, que os jogadores de futebol. Foi criada até mesmo uma Liga Profissional de Futebol Feminino (o que indica um reconhecimento profissional das mulheres que praticam determinado esporte), além de as mulheres obterem melhores resultados do que os homens, como o campeonato mundial feminino em 1999 e o campeonato olímpico em 2000.

A participação das mulheres no futebol se desenvolveu de forma diferente nos mais diversos países. Nos países europeus, a prática do futebol já rendeu a

consolidação de ligas organizadas de campeonatos femininos, em conjunto a esta veio também uma maior cobertura da mídia e um número maior de eventos e campeonatos esportivos femininos (MOURA, 2005). Um exemplo de como o futebol se desenvolveu de diferentes formas pelo mundo é o caso dos Estados Unidos, país onde o futebol feminino tem mais visibilidade e reconhecimento do que o masculino. O reconhecimento maior aconteceu quando foi criada, em 2001, a Liga Profissional de Futebol Feminino (Wusa), logo após a seleção americana ganhar a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Sidney em 2000.

O pedido para que o futebol fosse contemplado no programa dos Jogos Olímpicos Femininos aconteceu através de mulheres inglesas, no ano de 1934, em decorrência do IV Jogos Mundiais Femininos. Este pedido só foi atendido nos Jogos Olímpicos de Atenas (ocorridos em 1996, ano do centenário da reinauguração dos Jogos Olímpicos), que ficaram conhecidos como sendo os ‘Jogos das Mulheres’, que neste mesmo ano puderam pela primeira vez participar do futebol e do softbol, além de passarem a representar um em cada três atletas que participaram dos Jogos Olímpicos de Atlanta (DEVIDE, 2005).

Segundo Mourão e Morel (2005) a prática do futebol feminino no Brasil ocorre desde 1930, quando o *Districto Federal* se localizava na cidade do Rio de Janeiro, os jogos ocorriam no stadium, o esporte ou *sport* mais praticado era o *football* e os jogos eram chamados de *matches*. Nesta década o futebol feminino no Brasil, além de ser escasso, e pela pouca intimidade entre jogadoras e a bola os jogos eram um divertimento para os espectadores que compareciam ao estádio, onde os jogos eram sempre vistos como sendo uma comédia.

A participação das mulheres no futebol brasileiro sempre foi recheada de impedimentos, até mesmo uma lei já foi baixada, no ano de 1965, proibindo as mulheres de praticarem vários esportes, que segundo consta na lei, eram inadequados para serem praticados por mulheres, pois não representavam características femininas, mas pelo contrário, virilidade, competição e força, características que exaltam o homem. Entre os esportes que foram proibidos encontramos o futebol, cuja prática só foi aceita no ano de 1979 com o desenvolvimento do futebol internacional (REIS e

ESCHER, 2006). Mesmo com essa aceitação a Confederação Brasileira de Futebol nunca se agradou da participação das mulheres no futebol, o que não se constituiu como impedimento para que elas participassem das Olimpíadas de Atlanta em 1996 e Sidney em 2000, além dos Campeonatos Mundiais de Futebol Feminino que ocorrera na Suécia em 1995 e nos Estados Unidos nos anos de 1999 e 2003 (MOURA, 2005).

Em uma reportagem publicada pela Revista Veja no ano de 1996 (citado por SILVA, COSTA e SALLES, 1998) é relatado que a busca feminina pelo esporte aumentou depois da inserção deste no programa dos Jogos Olímpicos oferecidos às mulheres e seu resultado, bem sucedido com um quarto lugar, alcançado no mesmo. A inclusão deste esporte nas olimpíadas é o que justifica o aumento da participação de mulheres da classe média no futebol, e mais ainda depois que a mídia passou a realizar uma cobertura maior dos jogos femininos, pelo menos durante as Olimpíadas.

Mesmo com a presença feminina no esporte ainda devemos aceitar o fato de esta presença ser bem menor do que a dos homens, o que pode ser notado nos mais diversos lugares onde esta prática acontece, colégios, clubes, estádios, além do maior destaque dado pela mídia aos homens. A imprensa, com o maior destaque dado ao futebol masculino, ajudou ainda mais na marginalização das mulheres que escolhiam praticar futebol e na rotulação do mesmo como um esporte masculino (MOURÃO e MOREL, 2005).

A sociedade espera dos homens e das mulheres comportamentos e cumprimentos de papéis diferentes (ROMERO, 1994, citado por MOURA, 2005). Um exemplo disso é o simples fato de as mulheres terem o primeiro contato com futebol no período da puberdade, diferente para os homens, que têm essa oportunidade deste de que nascem. Segundo Dunning e Maguire (1997, citado por MOURA, 2005) o futebol reforça ainda mais o que é estabelecido como padrão pela nossa sociedade (a superioridade masculina e os valores do patriarcado). Os autores reforçam o fato de que o futebol é uma área de reserva masculina, onde as normas tradicionais do que é ser masculino está explícito e dever ser aceita. Sendo assim é possível entender porque os homens não vêem o futebol como uma área de participação feminina.

O que se espera do futebol feminino, assim como de outros esportes, é que eles sejam vistos como um empreendimento que traga lucro aos seus organizadores. A partir desta afirmação feita por Silva, Costa e Salles (1998) o que se percebe é que as mulheres que jogam futebol devem além de saber jogar bem, serem dotadas de uma beleza capaz de atrair os olhos dos homens, trazendo assim mais público para os jogos.

Um exemplo claro de contratação motivada mais pela beleza das jogadoras do que pela habilidade de jogar é o caso da jogadora Milene Rodrigues. Esta jogadora foi chamada para integrar a seleção brasileira que disputou o mundial dos EUA no ano de 2003. Depois da contratação foi reconhecido por Paulo Gonçalves e por Luiz Miguel Oliveira, na ocasião respectivamente técnico e chefe da delegação, em matéria publicada no Jornal do Brasil (2003, citado por MOURÃO e MOREL, 2005) que Milene, ex-mulher de Ronaldinho e mãe, trazia grande visibilidade à seleção brasileira de futebol feminino, carregando junto consigo uma imagem positiva para a seleção, deixando claro em sua entrevista que a contratação da jogadora foi uma jogada de marketing.

Embora a opinião de muitas pessoas a respeito do assunto seja contrária a inserção da mulher no futebol, o que Silva, Costa e Salles (1998) apontam é que a mulher tem conquistado ainda mais seu espaço dentro desse esporte (o que aumentou a partir das Olimpíadas de Atlanta), e que, essa busca está sendo feita não apenas como uma possível área de lazer, mas também com uma fonte de trabalho.

Esse aumento na participação feminina no esporte, seja em competições, atividades físicas diversas, ou ainda ocupando cargos de liderança, pode favorecer a mudança na cultura e no universo esportivo (CIDADE citada por Osandón, 2006).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte tem se modificado com o tempo e de acordo com a sociedade de cada época, sendo permeado pelos valores que a sociedade preza. Ao mesmo tempo em que a sociedade caminhava para a industrialização, o esporte caminhava para o que hoje chamamos de esporte moderno, possuindo características semelhantes a da sociedade industrial, o que fez com que o esporte hoje seja visto também como um produto da indústria cultural.

Mesmo com as inúmeras razões que já foram dadas para manterem as mulheres longe da prática esportiva, inclusive as razões apoiadas em pareceres médicos que desestimulava a prática de exercícios por causa de um possível comprometimento do aparelho reprodutor, elas não se deixaram amedrontar, e mesmo indo contra os padrões e contra a cultura da sociedade, muitas mulheres passaram a praticar atividades físicas e a lutar para a inserção de provas femininas em jogos e campeonatos de nível internacional.

A sociedade vem mudando, mesmo que lentamente, seu modo de ver a mulher dentro do esporte. Se antes a mulher que praticava alguns esportes eram vistas pelas feministas como uma pessoa que corria o risco de perder a feminilidade, e as vezes até mesmo como uma pessoa que tinha sua feminilidade questionada, agora, depois de 100 anos do renascimento dos Jogos Olímpicos e também de lutas para a inserção de provas femininas no programa dos jogos, as mulheres conseguiram o apoio até mesmo de homens dirigentes de grandes entidades, como o de Juan Antonio Saramanch que enquanto foi presidente do COI conseguiu com que mulheres, pela primeira vez, fizessem parte da membresia do COI.

A criação de organismos internacionais é a prova de que as mulheres têm conseguido cada dia mais espaço para discutirem a respeito de sua participação no mundo dos esportes. A partir da I Conferência de Mulher e Esporte vários desdobramentos vêm ocorrendo e facilitando a inclusão da mulher no esporte, vários países aceitaram a Declaração de Brighton e tem feito com que o acesso ao esporte, pelas mulheres, seja uma realidade cada vez mais freqüente de ser vista.

Mesmo com a gradativa inserção das mulheres no esporte, a ocupação de cargos administrativos ocupados por elas, a existência de órgãos e organismos internacionais, bem como leis que defendem e garantem o direito de acesso da mulher ao esporte, é possível perceber que esse acesso e a igualdade de oportunidades oferecidas a elas, quando comparadas às oportunidades oferecidas também aos homens, está longe de ser igualitária, e que, portanto, devemos continuar mantendo nossos olhares para o esporte feminino e sua trajetória.

A participação das mulheres no futebol é uma prova de que a igualdade de oportunidade ainda não é uma realidade. Mesmo o futebol sendo o esporte mais popular do mundo, se comparado ao número de homens, o número de mulheres que praticam esse esporte é bem reduzido. Isso pode ser comprovado através da cobertura que a mídia faz desse esporte quando praticado por homens e quando praticado por mulheres, o que nos leva a perceber que mesmo com o direito que as mulheres têm de praticar futebol, a desvalorização ocorre por outros meios. Um exemplo disso é quando a mídia insiste em comparar os resultados obtidos em jogos praticados pelos homens e pelas mulheres, contando a vantagem dos homens seja no número de títulos ou até mesmo no estilo de jogo do futebol feminino em comparação com o masculino.

Atualmente tem se dado mais importância às experiências das mulheres no esporte, porém os estudos têm cometido sempre a mesma falha, a comparação dos homens com a mulher, seus resultados dentro do esporte e o desenvolvimento de suas habilidades esportivas. O que se deve buscar a partir de então é que a história das mulheres seja contada a partir de suas experiências, de suas próprias histórias e de como elas conquistaram seu espaço dentro da sociedade hoje.

A história das mulheres é contada sempre a partir da história dos homens porque esse foi o padrão estabelecido nas sociedades anteriores. Assim, como ocorre em muitos estudos, as mulheres são vistas como sendo vítimas da dominação masculina, pessoas que foram passivas durante muito tempo e que suas conquistas foram possíveis somente por que o homem assim permitiu. No entanto, o que temos que ver e estudar são as mulheres não apenas como vítimas, mas sim como autoras de sua própria história, capazes de lutar, tomar decisões, participar da sociedade e mostrar

suas mais variadas conquistas dentro da sociedade, seja como mulher, mãe, esposa e/ou atleta.

O esporte e não deve ser visto como uma forma de segregação ou diferenciação, mas sim como um meio através do qual as pessoas de diferentes etnias, religiões, sexo, e classes sociais podem se encontrar, trocar conhecimentos, opiniões e experiências, a fim de aumentar o relacionamento entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

- BARROS, J; e VITTA, O. **Manual dos Jogos Olímpicos**: Sidney, 2000. São Paulo: Ed. Três, 2000.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003 (2ª edição).
- BRACHT, Valter. Esporte, História e Cultura. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. **Esporte - história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- CABRAL, Cid. **História Do Mundial Do Futebol**. São Leopoldo: Símbolo Propaganda, 1978.
- CARRILLO, L. F. C; Mujer y Olimpismo, **Revista Digital**, Buenos Aires, año 5, n. 24, ago. 2000. Disponível em <http://www.edfeportes.com> Acesso em: 5 de outubro de 2006.
- CARVALHO, Alexandre M. J.: A Participação Feminina nos Jogos Olímpicos, In: TURINI, Marcio; DACOSTA, Lamartine. **Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos**, Volume 1. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. Disponível em: <http://www.cenesp.uel.br/livros/estolimpicos>. Acesso em outubro de 2006.
- CIDADE, Ruth. **Atletas Paraolímpicas**: figuras e sociedade contemporânea. Educação Física, Universidade de Campinas; Campinas, 2004.
- CIDADE, Ruth. A Mulher e o Esporte Adaptado. **Revista da SOBAMA**, Volume 10, Nº. 1, Dezembro de 2005.
- DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e Mulheres no Esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos moderno. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, (Coleção Educação Física).
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- GEBARA, Ademir. História do Esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo; **Esporte - história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- GIGLIO, Sergio. **Futebol-Arte ou Futebol-Força? O Estilo Brasileiro em Jogo**. In: DAOLIO, Jocimar. (org) **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- GTI. Grupo de Trabajo Internacional sobre La Mujer y el Deporte. **Comunicado de Prensa de Montreal, 10 de maio de 2002**. Disponível em: <http://www.canada2002.org/s/comunicado/index.htm> Acesso em 06 de outubro de 2006.
- GTI. **Informe de Avance 1998-2002 sobre la Mujer y el Deporte**. Disponível em: <http://www.canada2002.org/s/progress/background/backg> Acesso em 06 de outubro de 2006.
- GTI. **La Declaracion de Brighton sobre la Mujer y el Deporte**. Disponível em <http://www.iwg-gti.org/s/brighton/index.htm>. Acesso em 06 de outubro de 2006.
- HOBBSBAWN, Eric J. **A era dos impérios, 1875-1914**. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda S. Toledo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988 (3ª edição).

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LUCENA, Ricardo. Elias: individualização e mimesis no Esporte. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. **Esporte - história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

MIRAGAYA, Ana. A Mulher Olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. In: TURINI Marcio; DACOSTA, Lamartine. **Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos**, V. 1, Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. Disponível em: <http://www.cenesp.uel.br/livros/estolimpicos> Acesso em outubro de 2006.

MOURA, E.L. O Futebol Como Área Reservada Masculina. In: DAOLIO, J. (org) **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

MOURÃO, L; MOREL, M; As Narrativas do Futebol Feminino: o discurso da mídia impresa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, V. 26, nº. 2. Campinas: Janeiro, 2005.

MURRAY, Bill. **Uma História de Futebol**. São Paulo: Hedra, 2000

OSANDÓN, Patrícia. Sexo Nada Frágil. **Revista Brasil Paraolímpico**. Nº. 20- março a maio de 2006.

PILATTI, Luis Alberto. Guttmann e o Tipo Ideal do Esporte Moderno. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. **Esporte - história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

PRONI, Marcelo. Brohn e a Organização Capitalista do Esporte. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. **Esporte - história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

PRONI, Marcelo. A Espetacularização do Esporte: uma visão estrutural da história recente do esporte no Brasil. In: **III Encontro Nacional do Esporte, Lazer e Educação Física**. Curitiba: 1995.

REIS, Heloísa; ESCHER, Thiago. **Futebol e Sociedade**. Brasília: Líber Livros, 2006.

REIS, Heloísa. Espetáculo Futebolístico e Violência: uma complexa relação. In: DAOLIO, Jocimar. (org) **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

ROCHA FERREIRA, M. B. A Mulher e esporte: uma abordagem histórico-antropológica. In **V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Coletânea. Maceió, 1997.

SILVA, M; COSTA, M; SALLES, J. Representação Social do Futebol Feminino na Imprensa Brasileira. **Representação Social do Esporte e da Atividade Física: ensaios etnográficos**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/ INDESP, 1998.

SOARES, A. Identidade Nacional e Racismo Futebol Brasileiro. In: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. **Esporte - história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.